ASSIS CINTRA

NOSSA PRIMEIRA HISTORIA

(GANDAVO)

EDITORA — PROPRIETARIA
COMPANHIA MELHORAMENTOS
DE SÃO PAULO
CAYEIRAS, SÃO PAULO E RIO
1921

ASSIS CINTRA

NOSSA PRIMEIRA HISTORIA

(COM 5 GRAVURAS)

1922

EDITORA PROPRIETARIA
COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. PAULO
(Weisztlog Irmãos Incorporado)
CAYEIRAS, S.PAULO E RIO

Ao meu amigo

Dr. Manoel Villaboim

Um dos mais Belos espíritos da jurisprudência,
do magistério e da política
do Brasil, as minhas homenagens.

Assis Cintra

O PRIMEIRO CAPITULO DA HISTÓRIA PATRIA
(Quadro de Aurélio, Palácio Monroe)

ÍNDICE

Nota do Editor

Esclarecimentos sobre esta edição digitalizada

Assis Cintra, seguindo seu ideal de trazer a verdade sobre os fatos da História, faz o possível para manter a originalidade de suas fontes.

Pode-se comprovar isso com o livro "***Nossa Primeira História***" lançado em 1922 no qual ele torna acessível ao grande público, pela primeira vez, os documentos iniciais que registraram a história da nova terra descoberta.

Em pleno século XXI fica quase impossível imaginar a tarefa hercúlea de se obter fontes da história brasileira em 1922. Não havia rádio, televisão, telégrafo, telefone e muito menos internet; os jornais eram precários e a informação era passada principalmente por livros.

Cintra conseguiu fundos e viajou a Portugal para descobrir e analisar a documentação que dormia (e ainda dorme) nos velhos arquivos portugueses e trouxe verdadeiros tesouros que decidiu expor aos seus compatriotas.

Ele sabia o que teria que enfrentar, pois declarou *"(...) Santa Ingenuidade. Tão santa como a nossa por termos escrito um livro de duzentas e tantas páginas sobre um vocábulo, numa terra de 90 por cento de analfabetos, como é o nosso Brasil."* (Brasil com s ou z – Ed. Revista do Brasil – 1920)

Apesar disso, em "*Nossa Primeira História*" Cintra se esforça para manter a originalidade do material exposto. A intenção é mostrar o trabalho de Pero Magalhães Gandavo que escreveu a

primeira história do Brasil. E o que se vê é um texto escrito com a ortografia de 1922, mas com vocábulos transcritos da forma que Gandavo utilizou.

Acrescido a isso, Cintra aproveitou para divulgar sonetos de Camões sobre a nova terra e a famosa carta de Pero Vaz de Caminha sobre o descobrimento, essa sim mantida fiel ao original, com o léxico de 1500, precisando-se hoje de um verdadeiro trabalho para decifrá-la.

Pois foi essa a intenção desta edição digitalizada: trazer uma versão com o léxico atualizado para o ano 2000. Assim pode-se ler e entender com facilidade o importante material contido no trabalho de Cintra. Porém deixamos intato o estilo do escritor, para não desfigurar a obra. Também incluímos notas de rodapé que não existem no livro original

Aproveite!

Primavera 2021
L. Vallejo -- lsvltn@gmail.com

Para ler e baixar o livro original:
https://ia802605.us.archive.org/35/items/nossaprimeirahis1922cint/nossaprimeirahis1922cint.pdf

Para ler mais obras de Assis Cintra
https://cloneclock.blogspot.com/2010/01/downloads.html

I

O precursor de Cabral

D. Dinis, o acadêmico, em 45 anos de governo preparara o então jovem reino de Portugal para a conquista dos mares; e, com tal objetivo, nas terras de Leiria, fizera plantar uma verdadeira floresta de pinheiros outras madeiras aproveitáveis nas construções navais. Assim, em 1322, já a bandeira portuguesa tremulava beijada pela brisa, nos mastaréus das naves d'El-Rei.

Foi nesse ano que a majestade lusa mandou a Gênova e Veneza, com amplos poderes para firmar contratos, um dos seus melhores ministros. E dessas plagas vieram para Portugal marinheiros práticos nas investidas do Oceano, e com eles o fidalgo genovês Manoel Peçanho, afamado capitão dos mares Italianos. A este conferiu D. Dinis o posto de Almirante da sua frota galharda.

Quis, porém, a sorte que ao rei acadêmico não coubesse a gloria de desencantar o mistério atlântico, conforme fora seu desejo. No leito de morte pediu ao filho que

completasse o trabalho tão auspiciosamente principiado, e fizesse a grandeza e a fama de Portugal no desbravamento dos mares desconhecidos.

D. Afonso, o bravo, não se esqueceu do pedido paterno. Cercado de homens de grande valor, quais os fidalgos Diogo Pacheco, o bispo do Porto e o almirante Peçanho, investiu contra o mistério dos mares. O fracasso de várias tentativas não o demoveu de sua idéia.

À expedições sucediam-se expedições. Um dia aportou em Lisboa um dos capitães — Sancho Brandão. Desgarrando-se no Mar do Ocidente, castigado pela tempestade, e impelido por uma corrente misteriosa, o capitão Sancho enfim abordava uma terra magnífica, habitada por homens nus, opulenta em árvores da tinta vermelha.

Tentara contorná-la, navegando para o norte. Não o pôde, porém descobriu outras ilhas. Carregando consigo alguns homens e algumas produções da terra, Sancho Brandão e seus bravos marinheiros velejaram para Portugal, ansiosos para incrustarem na coroa portuguesa a glória do primeiro descobrimento nos mares do Ocidente.

Orgulhoso pela vitória conseguida e grato ao valente marujo que lhe dera uma terra nova, Afonso IV batizou a grande ilha do pau vermelho com o nome de *Ilha do Brasil* ou *de Brandão*.

Em 12 de Fevereiro de 1343, como era de praxe, comunicou ao Papa Clemente VI o auspicioso acontecimento, em carta escrita de Montemór-o-Novo. E assim se expressou:

> "*Diremos reverentemente a Vossa Santidade que os nossos naturais foram os primeiros que acharam as mencionadas ilhas do ocidente. . . — dirigimos para ali (ilhas do ocidente) os olhos do nosso entendimento, e desejando pôr em execução o nosso intento, mandamos lá as nossas gentes e algumas naus para explorarem a qualidade da terra, as quais, abordando as ditas ilhas, se apoderaram, por força, de homens, animais e outras cousas e as trouxeram com grande prazer aos nossos reinos».* (Documento do Arquivo Secreto do Vaticano, livro 138, folhas 148 e 149).

Juntou-se a carta um mapa da região descoberta e nele se vê a inscrição — ***Insula do Brasil*** ou de ***Brandam***.

Desde então os portugueses monopolizaram o comércio do pau-brasil, provindo da ilha de Brandão. Tanto assim que, em documentos do século XIV, existentes em bibliotecas europeias, vem sempre o nome Brasil ligada ao de Portugal: *"O Brasil de Portugal, diziam os ingleses no fim do século XIV."*

No livro de Geoffroy Chaucer, intitulado "*The Canterbury Tales*", ano de 1380, há os seguintes versos,

em que surge o vocábulo Brasil ligado ao nome de Portugal:

> *«He loketh as a sparhawk his eyen*
> *Him nedeth not his colour for to dyen*
> *With Brasil, no with grain, of Portugal. »*
> (Conto n.° 11, epílogo).

E no Mabinogion, ano de 1376:

> *«... and Brasil of Portingali »*
> (R. of Taliesin, XII, 144).

Os grandes mapas do século XIV, posteriores a 1343, inserem uma ilha no Oceano Atlântico, mais ou menos na posição atual do Brasil, e com uma configuração aproximada à da América do Sul. Isso quer dizer que depois de 1343 a terra foi explorada convenientemente pelos portugueses, pois era uma possessão de Portugal.

Benjamin Smith afirma na pág. 180 de sua *Ciclopedia*:

> *«Brasil island which appeared on maps of the Atlantic, as early the 14th century».*

Em 1375, Carlos V, Rei da França, mandou ao Vaticano um cartógrafo de Maiorca para copiar o mapa português, com ordem de corrigir e ampliar o original, conforme as explorações feitas de 1343 a 1375.

Esse mapa interessantíssimo acha-se exposto na Biblioteca Nacional de Paris, seção de iconografia (III, 132, s. XVI). Nele se encontra a Ilha do Brasil, com a conformação e posição da América do Sul, mais ou menos.

No mapa-múndi de Ranulf Nyggeden, desenhado em 1360 e conservado no British Museum, de Londres, acha-se inscrita a Ilha do Brasil na mesma posição em que ela surge no mapa de Carlos V.

Essa constatação é feita também em três importantíssimas cartas geográficas, quais as de Nicolo Zeno (ano de 1380), Becchario (1435) e Andréa Bianco (original de 1436, e cópia de 1448).

Este último oferece uma explicação que elucida perfeitamente o caso. Diz ele que a Ilha do Brasil (*Insula de Brasil*) está distante do Cabo Verde, no mar Atlântico, cerca de 1.500 milhas. Pois não é essa, mais ou menos, a distância do Cabo Verde ao Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco?

O mapa de Pero Vaz Bisagudo, que era cópia do velho mapa português do Vaticano, traz a Ilha do Brasil, na distância de 1550 milhas do Cabo Verde.

E o bacharel João Martim, cosmógrafo e médico da esquadra de Cabral, em carta ao rei de Portugal, datada de 1º de maio de 1500, manda o seu soberano procurar o «Mapa Bisagudo», que era muito antigo, diz ele, e onde

se encontraria a situação verdadeira da terra que Cabral descobria de novo.

Eis o tópico dessa carta que se encontra na Torre do Tombo, Corpo cronológico, parte 3ª, maço 2, doc. Nº 2 :

> *«Quanto, Senhor, ao estilo desta terra, mande vossa alteza trazer um mapa-múndi que fez Pero Vaz Bisagudo e por aí possa ver vossa alteza a localização desta terra, apesar de que aquele mapa-múndi não certifica esta terra ser habitada ou não: é o mapa-múndi antigo ».*

«Se vossa alteza quiser ver a posição desta terra", dizia a D. Manoel I o cosmógrafo da esquadra de Cabral em 1º de maio de 1500, *"mande buscar o mapa-múndi de Bisagudo, que nele encontrará o sítio em que estamos agora; porem esse mapa, que é antigo, não informa se esta terra é ou não habitada. »*

Aí está: os portugueses não descobriram o Brasil em 1500 porque nos seus mapas antigos já se achava inscrita essa terra de novo descoberta, isto é, já descoberta e mais tarde abandonada.

Em 2 de Março de 1450 o Infante de Portugal doou ao fidalgo flamengo Joe van den Berge, natural de Bruges, e vulgarmente conhecido por Jacome de Bruges, umas ilhas açorianas.

No documento de doação, que se encontra na Torre do Tombo (Registro de ilhas, portos e costas) há uma referência á ilha do Brasil, descoberta pelo bravo Sancho Brandão.

As ilhas Flores e Corvo foram doadas em 1464 a uma senhora de Lisboa — D. Maria de Vilhena. O flamengo Guilherme van den haagen, em nome da donatária, recebeu o documento de doação, hoje arquivado na Torre do Tombo. Nessa provisão real há uma referência á *Ilha do Brasil*.

No século XV, ora se encontra a ilha com o nome de Brasil, ora com o de Brandão. Vimos em alguns mapas do século XV e XIV apenas a legenda — *Ilha de Brandam* aplicada á Ilha do Brasil. É o que se vê, por exemplo, no mapa de Paulo Toscanelli.

A respeito da Ilha do Brasil, ainda cumpre citar o globo terrestre de Martim Behaim, feito em 1487 e reproduzido na Alemanha em 1492, antes do descobrimento da América (a reprodução é de Março e o descobrimento é de Outubro).

Esse Martinho da Bohemia, como lhe chamava João de Barros, viveu alguns anos na Ilha de Fayal (Açores), pois o primeiro donatário dessa ilha fora seu sogro, o capitão neerlandês Jobst van Heurter (vulgarmente conhecido por Joz D'Utra). Pois Behaim também inscreve em seu Globo Terrestre a *Ilha do Brasil*.

Acima Mapa de Toscanelli vendo-se a Ilha Brandam. Abaixo sua localização sobreposta a um mapa moderno (nota do editor)

Em 1498 D. Manoel mandou secretamente o Capitão Duarte Pacheco Pereira explorar a *Ilha do Brasil* e verificar sua posição astronômica. E é o próprio capitão Duarte quem nos conta tal coisa em sua informação ao Rei, inserta no livro I. cap. 2, pag. 3), do *Esmeraldo*, escrito em 1498.

> *"E portanto, bem-aventurado Príncipe, temos sabido e visto como no terceiro ano de vosso Reynado do hano de Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos vossa Alteza mandou descobrir a parte oucidental passando alem a grandeza do mar ociano honde he achada e navegada huma tam grande terra firme com muitas e grandes Ilhas adjacentes a ella que se estende a satenta graaos de Ladeza da linha equinocial contra o polo árctico. . . — por esta costa sobredita do mesmo circulo equinocial em diante por vinte e oyto graaos de Ladeza contra o polo antárctico he achado nella munto e fino Brasil, com outras muitas couzas de que os navios deste Reyno vem grandemente carregados. »*

Atente-se bem no dizer do capitão Duarte Pacheco ao Rei:

> *" ... ano de 1498, em que vossa majestade nos mandou descobrir a parte, ocidental, passando além do mar oceano (Atlântico), onde se achou uma terra com abundante e fino Pau Brasil,*

numa distância de 28 graus do polo antártico e 70 do polo ártico.”

Positivamente, era a América do Sul, era o Brasil.

Duarte Pacheco regressou a Portugal depois de sua viagem de exploração e serviu de guia a Cabral no espalhafatoso descobrimento do Brasil.

Mas esse espalhafato era necessário para que assim pudesse a diplomacia portuguesa dar um choque real na habilidade espanhola e na astúcia do Papa Alexandre VI, porfiado em lesar o nobre Portugal.

Os historiadores do Brasil não mencionam o nome de Duarte Pacheco Pereira na lista dos Capitães que acompanharam Cabral. Mas Damião do Góes, na *Crônica de D. Manuel*, escrita em 1530, na parte I, capítulo LVIII, folha 39, manuscrito original da Torre do Tombo, faz menção de seu nome, quando ele recebeu uma instrução importante de Cabral.

Mas o próprio Pero Vaz de Caminha em sua carta diz:

« . . . e assy seguimos nosso caminho por este mar, de longo, até terça-feira de oitavas de paschoa, que foram vinte e um dias de Abril, que topamos alguns signaes de terra. »

Navegar de longo é uma expressão antiga que significa atravessar. Assim, a esquadra de Cabral saiu de Lisboa

para atravessar o Atlântico (navegar de longo) e não para costear a África ou dela se afastar ligeiramente com receio de calmarias, como contam os historiadores patrícios.

Cumpre notar aqui que, até chegar ao Brasil, a esquadra de Cabral não foi batida por temporais que a impelissem a um desvio do plano estudado em Lisboa.

No Arquivo da Torre do Tombo (maço I, leis, nº 21, Armário II) encontram-se 12 folhas das instruções secretas dadas a Pedro Álvares Cabral. Contêm apenas a 2ª parte das instruções, faltando às relativas ao Brasil, que foram subtraídas criminosamente e hoje param no arquivo de um opulento colecionador europeu.

Aí se vê o registro do arquivo de Lord Stuart, o mesmo embaixador que carregou para Londres o original do *Cancioneiro de Rezende* e outros manuscritos preciosos.

A carta de Vaz Caminha permaneceu esquecida durante três séculos e somente no princípio do século passado é que foi descoberta. Nesse documento diz o escrivão da Armada:

> *«... posto que o capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitães escreveram a vossa alteza a nova do achamento desta vossa Nova 'Terra.. . »*

Isso quer dizer que Cabral escreveu a D. Manuel. Os outros capitães que também escreveram foram os companheiros de Cabral nessa viagem, Duarte Pacheco e Américo Vespúcio, conforme pudemos verificar no estudo dos documentos desse tempo.

Essa carta de Pedro Álvares Cabral ora se encontrou entre os importantíssimos documentos que pertenceram a Lord Stuart. Nela se lê este tópico que resolve a questão :

> *«... em obidencia a instruçam de Vossa Alteza navegamos no Ocidente e tomamos posse, com padram, da Terra de Vossa alteza que os antiguos chamavam Brandam ou Brasil ».*

Mas por que, dirão, naturalmente, os curiosos, mas por que houve a comédia do descobrimento do Brasil em 1500?

Essa é uma história que por si só merece as honras de outro capítulo. E dela se conclui que D. Manuel, em verdade, foi um rei afortunado, porque teve os melhores navegantes e os melhores diplomatas do seu tempo.

O seu antecessor perdera a Ilha do Brasil pela comédia representada por Colombo. E ele, D. Manuel, a recuperou com a comédia de Cabral. Astúcia contra astúcia, comédia contra comédia.

É uma história interessante que estudaremos de outra. E veremos, então, a habilidade dum ministro português levar de vencida a sofística dum papa espanhol: Alexandre VI.

O que o leitor acabou de ler é o resumo de um meu livro sobre o Descobrimento do Brasil, resumo que forneci aos dois mais importantes jornais de nossa pátria, "O Correio da Manhã" e o "Jornal do Commercio", que o publicaram, porém com incorreções levadas a conta do linotipista, do revisor e da minha péssima e quase hieroglífica escrita. Reproduzindo-o aqui, embora não faça parte da obra *"Nossa primeira História*", penso despertar a atenção dos estudiosos para o meu livro próximo: *O Descobrimento do Brasil*, com reproduções de mapas dos séculos XIV e XV e documentos interessantíssimos em fac-símiles. (Assis Cintra)

II

Carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel

A primeira página da nossa história foi incontestavelmente a carta narrativa de Pero Vaz Caminha, descoberta em 1807 na Torre do Tombo pelo padre Ayres do Casal. Ei-la, na íntegra:

Senhor:
Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Fac-simile da primeira pagina da carta de Caminha em 1500

Fac-simile da ultima pagina da carta de Caminha em 1500

Da marinhagem e singraduras[1] do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo:

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e nove horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grã-Canária, e ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas.

E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da ilha de S. Nicolau, segundo o dito de Pero Escobar, piloto.

Na noite seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com sua nau, sem haver tempo forte nem contrário para que tal acontecesse. Fez o capitão suas diligências para o achar, a uma e outra parte, mas não apareceu mais!

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, estando da dita Ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos

[1] Rota percorrida por um navio num tempo determinado. Tempo de navegação desde a partida até a chegada da embarcação.

alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buchos.

Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã[2], com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra da Vera Cruz.

Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças; e ao sol posto, obra de seis léguas da terra, surgimos âncoras, em dezenove braças — ancoragem limpa. Ali permanecemos toda aquela noite.

E à quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitos à terra, indo os navios pequenos diante, por dezessete, dezesseis, quinze, catorze, treze, doze, dez e nove braças, até meia légua da terra, onde todos lançamos âncoras em frente à boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas pouco mais ou menos.

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro.

---

2 Área ou extensão do solo plana; planície, Chapada, planalto

Descobrimento do Brasil – Francisco Aurélio F Mello (NE)

Então lançamos fora os batéis[3] e esquifes[4], e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor, onde falaram entre si.

E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens.

[3] Barco pequeno, usado no serviço das naus e galeões

[4] Pequena embarcação, a remo ou à vela, usada nos serviços de caravelas, galeões etc.:

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram.

Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto.

Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira[5], as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

Na noite seguinte, ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez caçar as naus, e especialmente a capitânia. E sexta pela manhã, às oito horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar âncoras e fazer vela; e fomos ao longo da costa, com os batéis e esquifes amarrados à popa na direção do norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso,

---

[5] Recipiente para setas, largo e aberto na parte superior, estreito na parte inferior, que se trazia pendente do ombro por meio de uma corda ou correia

onde nos demorássemos, para tomar água e lenha. Não que nos minguasse, mas por aqui nos acertarmos.

Quando fizemos vela, estariam já na praia assentados perto do rio obra de sessenta ou setenta homens que se haviam juntado ali poucos e poucos. Fomos de longo, e mandou o Capitão aos navios pequenos que seguissem mais chegados à terra e, se achassem pouso seguro para as naus, que amainassem.

E, velejando nós pela costa, obra de dez léguas do sítio donde tínhamos levantado ferro, acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada. E meteram-se dentro e amainaram. As naus arribaram sobre eles; e um pouco antes do sol posto amainaram também, obra de uma légua do recife, e ancoraram em onze braças.

E estando Afonso Lopes, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, por mandado do Capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meteu-se logo no esquife a sondar o porto dentro; e tomou dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos, que estavam numa almadia[6].

Um deles trazia um arco e seis ou sete setas; e na praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas de nada

---

[6] Pequena embarcação feita de um único tronco, comprida e estreita, usada em algumas regiões da África e da Ásia.

lhes serviram. Trouxe-os logo, já de noite, ao Capitão, em cuja nau foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto.

Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber.

Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobrepente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte para detrás, uma espécie de cabeleira de penas de ave amarelas, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço[7] e as orelhas.

E andava pegada aos cabelos, pena e pena, com uma confeição branda como cera (mas não o era), de maneira

---

[7] a parte posterior da cabeça

que a cabeleira ficava mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia míngua mais lavagem para a levantar.

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa[8] por estrado.

Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia, e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa.

Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata.

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali.

Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha, quase tiveram medo dela:

---

[8] Tapete grande; alfombra. Qualquer coisa que se estende e cobre o chão.

não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis[9], mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provaram, logo a lançaram fora.

Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais.

Trouxeram-lhes a água em uma albarrada[10]. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar. E depois tornou as contas a quem lhas dera.

---

[9] bolo composto de açúcar e amêndoa, envolto em capa de farinha - Nome comum a vários bolos, que contêm creme.

[10] vaso de louça para água e onde muitas vezes se punham flores

Então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir, sem buscarem maneira de cobrirem suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas.

O Capitão lhes mandou pôr por baixo das cabeças seus coxins; e o da cabeleira esforçava-se por não a quebrar. E lançaram-lhes um manto por cima; e eles consentiram, quedaram-se e dormiram.

Ao sábado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, e fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e alta de seis a sete braças. Entraram todas as naus dentro; e ancoraram em cinco ou seis braças – ancoragem dentro tão grande, tão formosa e tão segura, que podem abrigar-se nela mais de duzentos navios e naus. E tanto que as naus quedaram ancoradas, todos os capitães vieram a esta nau do Capitão-mor.

E daqui mandou o Capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas, e isto depois que fez dar a cada um sua camisa nova, sua carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que eles levaram nos braços, seus cascavéis[11] e suas campainhas.

E mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a que chamam

[11] Guizo, chocalho

Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver e maneiras.

E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho. Fomos assim de frecha direitos à praia. Ali acudiram logo obra de duzentos homens, todos nus, e com arcos e setas nas mãos. Aqueles que nós levávamos acenaram-lhes que se afastassem e pousassem os arcos; e eles os pousaram, mas não se afastaram muito.

E mal pousaram os arcos, logo saíram os que nós levávamos, e o mancebo degredado com eles. E saídos não pararam mais; nem esperavam um pelo outro, mas antes corriam a quem mais corria.

E passaram um rio que por ali corre, de água doce, de muita água que lhes dava pela braga[12]; e outros muitos com eles. E foram assim correndo, além do rio, entre umas moitas de palmas onde estavam outros. Ali pararam.

Entretanto foi-se o degredado com um homem que, logo ao sair do batel, o agasalhou e o levou até lá. Mas logo tornaram a nós; e com ele vieram os outros que nós leváramos, os quais vinham já nus e sem carapuças.

Então se começaram de chegar muitos. Entravam pela beira do mar para os batéis, até que mais não podiam; traziam cabaços de água, e tomavam alguns barris que

[12] Calça larga e curta, espécie de calção

nós levávamos: enchiam-nos de água e traziam-nos aos batéis.

Não que eles de todos chegassem à borda do batel. Mas junto a ele, lançavam os barris que nós tomávamos; e pediam que lhes dessem alguma coisa.

Levava Nicolau Coelho cascavéis e manilhas[13]. E a uns dava um cascavel, a outros uma manilha, de maneira que com aquele engodo quase nos queriam dar a mão.

Davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que homem lhes queria dar. Dali se partiram os outros dois mancebos, que os não vimos mais.

Muitos deles ou quase a maior parte dos que andavam ali traziam aqueles bicos de osso nos beiços. E alguns, que andavam sem eles, tinham os beiços furados e nos buracos uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha; outros traziam três daqueles bicos, a saber, um no meio e os dois nos cabos.

Aí andavam outros, quartejados de cores, a saber, metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, a modos de azulada; e outros quartejados de escaques. Ali andavam entre eles três ou quatro moças,

[13] bracelete de metal, geralmente de cobre ou latão, cuja circunferência não se fecha inteiramente, como se fosse um"C". Usava-se como adorno nos braços ou nos tornozelos

bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.

Ali por então não houve mais fala ou entendimento com eles, por a barbaria deles ser tamanha, que se não entendia nem ouvia ninguém.

Acenamos-lhes que se fossem; assim o fizeram e passaram-se além do rio. Saíram três ou quatro homens nossos dos batéis, e encheram não sei quantos barris de água que nós levávamos e tornamo-nos às naus.

Mas quando assim vínhamos, acenaram-nos que tornássemos. Tornamos e eles mandaram o degredado e não quiseram que ficasse lá com eles. Este levava uma bacia pequena e duas ou três carapuças vermelhas para lá as dar ao senhor, se o lá houvesse. Não cuidaram de lhe tomar nada, antes o mandaram com tudo.

Mas então Bartolomeu Dias o fez outra vez tornar, ordenando que lhes desse aquilo. E ele tornou e o deu, à vista de nós, àquele que da primeira vez agasalhara. Logo voltou e nós trouxemo-lo.

Esse que o agasalhou era já de idade, e andava por louçainha[14] todo cheio de penas, pegadas pelo corpo, que

---

[14] traje cheio de atavios, adorno, enfeite

parecia asseteado como S. Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; outros, de vermelhas; e outros de verdes.

E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. Nenhum deles era fanado, mas, todos assim como nós. E com isto nos tornamos e eles foram-se.

À tarde saiu o Capitão-mor em seu batel com todos nós outros e com os outros capitães das naus em seus batéis a folgar pela baía, em frente da praia. Mas ninguém saiu em terra, porque o Capitão o não quis, sem embargo de ninguém nela estar.

Somente saiu — ele com todos nós — em um ilhéu grande, que na baía está e que na baixa-mar fica mui vazio. Porém é por toda a parte cercado de água, de sorte que ninguém lá pode ir, a não ser de barco ou a nado. Ali folgou ele e todos nós outros, bem uma hora e meia. E alguns marinheiros, que ali andavam com um chinchorro[15], pescaram peixe miúdo, não muito. Então volvemo-nos às naus, já bem de noite.

Ao domingo de Pascoa pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu.

[15] Rede de arrastão

Mandou a todos os capitães que se aprestassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito.

Mandou naquele ilhéu armar um esperavel[16], e dentro dele um altar mui bem corregido. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.

Ali era com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho.

Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho, ao fim da qual tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência viemos, o que foi muito a propósito e fez muita devoção.

Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. E olhando-nos, sentaram-se.

---

[16] rede que se lança a braço para pescar; tarrafa.

E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e dançar um pedaço. E alguns deles se metiam em almadias — duas ou três que aí tinham — as quais não são feitas como as que eu já vi; somente são três traves, atadas entre si. E ali se metiam quatro ou cinco, ou esses que queriam não se afastando quase nada da terra, senão enquanto podiam tomar pé.

Acabada a pregação, voltou o Capitão, com todos nós, para os batéis, com nossa bandeira alta. Embarcamos e fomos todos em direção à terra para passarmos ao longo por onde eles estavam, indo, na dianteira, por ordem do Capitão, Bartolomeu Dias em seu esquife, com um pau de uma almadia que lhes o mar levara, para lho dar; e nós todos, obra de tiro de pedra, atrás dele.

Como viram o esquife de Bartolomeu Dias, chegaram-se logo todos à água, metendo-se nela até onde mais podiam. Acenaram-lhes que pousassem os arcos; e muitos deles os iam logo pôr em terra; e outros não.

Andava aí um que falava muito aos outros que se afastassem, mas não que a mim me parecesse que lhe tinham acatamento ou medo. Este que os assim andava afastando trazia seu arco e setas, e andava tinto de tintura vermelha pelos peitos, espáduas, quadris, coxas e pernas até baixo, mas os vazios com a barriga e estômago eram de sua própria cor. E a tintura era

assim vermelha que a água a não comia nem desfazia, antes, quando saía da água, parecia mais vermelha.

Saiu um homem do esquife de Bartolomeu Dias e andava entre eles, sem implicarem nada com ele para fazer-lhe mal. Antes lhe davam cabaças de água, e acenavam aos do esquife que saíssem em terra.

Com isto se volveu Bartolomeu Dias ao Capitão; e viemo-nos às naus, a comer, tangendo gaitas e trombetas, sem lhes dar mais opressão. E eles tornaram-se a assentar na praia e assim por então ficaram.

Neste ilhéu, onde fomos ouvir missa e pregação, a água espraia muito, deixando muita areia e muito cascalho a descoberto. Enquanto aí estávamos, foram alguns buscar marisco e apenas acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um tão grande e tão grosso, como em nenhum tempo vi tamanho. Também acharam cascas de berbigões e amêijoas[17], mas não toparam com nenhuma peça inteira.

E tanto que comemos, vieram logo todos os capitães a esta nau, por ordem do Capitão-mor, com os quais ele se apartou, e eu na companhia. E perguntou a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento desta terra a

---

[17] BERBIGÃO: molusco cardiídeo (Cardium muricatum) – AMEIJOA: Nome comum a vários moluscos bivalves, de concha arredondada, apreciados como alimento.

Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para a melhor a mandar descobrir e saber dela mais do que nós agora podíamos saber, por irmos de nossa viagem.

E entre muitas falas que no caso se fizeram, foi por todos ou a maior parte dito que seria muito bem. E nisto concluíram. E tanto que a conclusão foi tomada, perguntou mais se lhes parecia bem tomar aqui por força um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza, deixando aqui por eles outros dois destes degredados.

Sobre isto acordaram que não era necessário tomar por força homens, porque era geral costume dos que assim levavam por força para alguma parte dizerem que há ali de tudo quanto lhes perguntam; e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens destes degredados que aqui deixassem, do que eles dariam se os levassem, por ser gente que ninguém entende. Nem eles tão cedo aprenderiam a falar para o saberem tão bem dizer que muito melhor estes outros o não digam, quando Vossa Alteza cá mandar.

E que, portanto, não cuidassem de aqui tomar ninguém por força nem de fazer escândalo, para de todo mais os amansar e apacificar, senão somente deixar aqui os dois degredados, quando daqui partíssemos. E assim, por melhor a todos parecer, ficou determinado.

Acabado isto, disse o Capitão que fôssemos nos batéis em terra e ver-se-ia bem como era o rio, e também para folgarmos.

Fomos todos nos batéis em terra, armados e a bandeira conosco. Eles andavam ali na praia, à boca do rio, para onde nós íamos; e, antes que chegássemos, pelo ensino que dantes tinham, puseram todos os arcos, e acenavam que saíssemos.

Mas, tanto que os batéis puseram as proas em terra, passaram-se logo todos além do rio, o qual não é mais largo que um jogo de mancal. E mal desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio, e meteram-se entre eles. Alguns aguardavam; outros afastavam-se. Era, porém, a coisa de maneira que todos andavam misturados.

Eles ofereciam desses arcos com suas setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que lhes davam.

Passaram além tantos dos nossos, e andavam assim misturados com eles, que eles se esquivavam e afastavam-se. E deles alguns iam-se para cima onde outros estavam.

Então o Capitão fez que dois homens o tomassem ao colo, passou o rio, e fez tornar a todos. A gente que ali estava não seria mais que a costumada. E tanto que o Capitão fez tornar a todos, vieram a ele alguns

daqueles, não porque o conhecessem por Senhor, pois me parece que não entendem, nem tomavam disso conhecimento, mas porque a gente nossa passava já para aquém do rio.

Ali falavam e traziam muitos arcos e continhas daquelas já ditas, e resgatavam-nas por qualquer coisa, em tal maneira que os nossos trouxeram dali para as naus muitos arcos e setas e contas.

Então tornou-se o Capitão aquém do rio, e logo acudiram muitos à beira dele. Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim nos corpos, como nas pernas, que, certo, pareciam bem assim.

Também andavam, entre eles, quatro ou cinco mulheres moças, nuas como eles, que não pareciam mal. Entre elas andava uma com uma coxa, do joelho até o quadril, e a nádega, toda tinta daquela tintura preta; e o resto, tudo da sua própria cor. Outra trazia ambos os joelhos, com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia nenhuma vergonha.

Também andava aí outra mulher moça com um menino ou menina ao colo, atado com um pano (não sei de quê) aos peitos, de modo que apenas as perninhas lhe apareciam. Mas as pernas da mãe e o resto não traziam pano algum.

Depois andou o Capitão para cima ao longo do rio, que corre sempre chegado à praia. Ali esperou um velho, que trazia na mão uma pá de almadia. Falava, enquanto o Capitão esteve com ele, perante nós todos, sem nunca ninguém o entender, nem ele a nós quantas coisas que lhe demandávamos acerca de ouro, que nós desejávamos saber se na terra havia.

Trazia este velho o beiço tão furado, que lhe caberia pelo furo um grande dedo polegar, e metida nele uma pedra verde, ruim, que cerrava por fora esse buraco. O Capitão lha fez tirar.

E ele não sei que diabo falava e ia com ela direito ao Capitão, para lha meter na boca. Estivemos sobre isso rindo um pouco; e então enfadou-se o Capitão e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho, não por ela valer alguma coisa, mas por amostra. Depois houve-a o Capitão, segundo creio, para, com as outras coisas, a mandar a Vossa Alteza.

Andamos por aí vendo a ribeira, a qual é de muita água e muito boa. Ao longo dela há muitas palmas, não muito altas, em que há muito bons palmitos. Colhemos e comemos deles muitos.

Então tornou-se o Capitão para baixo para a boca do rio, onde havíamos desembarcado.

Além do rio, andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem.

Passou-se então além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer; e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita.

Depois de dançarem, fez-lhes ali, andando no chão, muitas voltas ligeiras, e salto real, de que eles se espantavam e riam e folgavam muito. E conquanto com aquilo muito os segurou e afagou, tomavam logo uma esquiveza como de animais monteses, e foram-se para cima.

E então o Capitão passou o rio com todos nós outros, e fomos pela praia de longo, indo os batéis, assim, rente da terra. Fomos até uma lagoa grande de água doce, que está junto com a praia, porque toda aquela ribeira do mar é apaulada por cima e sai a água por muitos lugares.

E depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito deles andar entre os marinheiros que se recolhiam aos batéis. E levaram dali um tubarão, que Bartolomeu Dias matou, lhes levou e lançou na praia.

Bastará dizer-vos que até aqui, como quer que eles um pouco se amansassem, logo duma mão para outra se esquivavam, como pardais, do cevadoiro[18]. Homem não lhes ousa falar de rijo para não se esquivarem mais; e tudo se passa como eles querem, para os bem amansar.

O Capitão ao velho, com quem falou, deu uma carapuça vermelha. E com toda a fala que entre ambos se passou e com a carapuça que lhe deu, tanto que se apartou e começou de passar o rio, foi-se logo recatando e não quis mais tornar de lá para aquém.

Os outros dois, que o Capitão teve nas naus, a que deu o que já disse, nunca mais aqui apareceram – do que tiro ser gente bestial, de pouco saber e por isso tão esquiva.

Porém e com tudo isso andam muito bem curados e muito limpos. E naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimárias monteses, às quais faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas, porque os corpos seus são tão limpos, tão gordos e tão formosos, que não pode mais ser.

Isto me faz presumir que não têm casas nem moradas a que se acolham, e o ar, a que se criam, os faz tais. Nem nós ainda até agora vimos nenhuma casa ou maneira delas.

---

[18] lugar onde se cevam os animais - Sítio onde se põe a isca para atrair as aves.

Mandou o Capitão aquele degredado Afonso Ribeiro, que se fosse outra vez com eles. Ele foi e andou lá um bom pedaço, mas à tarde tornou-se, que o fizeram eles vir e não o quiseram lá consentir.

E deram-lhe arcos e setas; e não lhe tomaram nenhuma coisa do seu. Antes – disse ele – que um lhe tomara umas continhas amarelas, que levava, e fugia com elas, e ele se queixou e os outros foram logo após, e lhas tomaram e tornaram-lhas a dar; e então mandaram-no vir. Disse que não vira lá entre eles senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos muito grandes, como de Entre Douro e Minho.

E assim nos tornamos às naus, já quase noite, a dormir.

À segunda-feira, depois de comer, saímos todos em terra a tomar água. Ali vieram então muitos, mas não tantos como as outras vezes. Já muito poucos traziam arcos. Estiveram assim um pouco afastados de nós; e depois pouco a pouco misturaram-se conosco. Abraçavam-nos e folgavam. E alguns deles se esquivavam logo.

Ali davam alguns arcos por folhas de papel e por alguma carapucinha velha ou por qualquer coisa. Em tal maneira isto se passou, que bem vinte ou trinta pessoas das nossas se foram com eles, onde outros muitos estavam com moças e mulheres.

E trouxeram de lá muitos arcos e barretes de penas de aves, deles verdes e deles amarelos, dos quais, creio, o Capitão há de mandar amostra a Vossa Alteza.

E, segundo diziam esses que lá foram, folgavam com eles. Neste dia os vimos mais de perto e mais à nossa vontade, por andarmos quase todos misturados. Ali, alguns andavam daquelas tinturas quartejados; outros de metades; outros de tanta feição, como em panos de armar, e todos com os beiços furados, e muitos com os ossos neles, e outros sem ossos.

Alguns traziam uns ouriços verdes, de árvores, que, na cor, queriam parecer de castanheiros, embora mais pequenos. E eram cheios duns grãos vermelhos pequenos, que, esmagando-os entre os dedos, faziam tintura muito vermelha, de que eles andavam tintos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam.

Todos andam rapados até cima das orelhas; e assim as sobrancelhas e pestanas. Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas da tintura preta, que parece uma fita preta, da largura de dois dedos.

E o Capitão mandou aquele degredado Afonso Ribeiro e a outros dois degredados, que fossem lá andar entre eles; e assim a Diogo Dias, por ser homem ledo, com que eles folgavam. Aos degredados mandou que ficassem lá esta noite.

Foram-se lá todos, e andaram entre eles. E, segundo eles diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitânia.

Eram de madeira, e das ilhargas[19] de tábuas, e cobertas de palha, de razoada altura; todas duma só peça, sem nenhum repartimento, tinham dentro muitos esteios; e, de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos, alta, em que dormiam. Debaixo, para se aquentarem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma num cabo, e outra no outro.

Diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os achavam; e que lhes davam de comer daquela vianda[20], que eles tinham, a saber, muito inhame e outras sementes, que na terra há e eles comem.

Mas, quando se fez tarde fizeram-nos logo tornar a todos e não quiseram que lá ficasse nenhum. Ainda, segundo diziam, queriam vir com eles.

Resgataram lá por cascavéis e por outras coisinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos e carapuças de penas verdes, e um pano de penas de

---

[19] flanco

[20] Qualquer tipo de comida - marmita

muitas cores, maneira de tecido assaz formoso, segundo Vossa Alteza todas estas coisas verá, porque o Capitão vo-las há de mandar, segundo ele disse.

E com isto vieram; e nós tornámo-nos às naus.

À terça-feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha e lavar roupa.

Estavam na praia, quando chegamos, obra de sessenta ou setenta sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram logo para nós, sem se esquivarem. Depois acudiram muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcos; e misturaram-se todos tanto conosco que alguns nos ajudavam a acarretar lenha e a meter nos batéis. E lutavam com os nossos e tomavam muito prazer.

Enquanto cortávamos a lenha, faziam dois carpinteiros uma grande Cruz, dum pau, que ontem para isso se cortou.

Muitos deles vinham ali estar com os carpinteiros. E creio que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro com que a faziam, do que por verem a Cruz, porque eles não tem coisa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau entre duas talas, mui bem atadas e por tal maneira que andam fortes, segundo diziam os homens, que ontem a suas casas foram, porque lhas viram lá.

Era já a conversação deles conosco tanta, que quase nos estorvavam no que havíamos de fazer.

O Capitão mandou a dois degredados e a Diogo Dias que fossem lá à aldeia (e a outras, se houvessem novas delas) e que, em toda a maneira, não viessem dormir às naus, ainda que eles os mandassem. E assim se foram.

Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios por essas árvores, deles verdes e outros pardos, grandes e pequenos, de maneira que me parece que haverá muitos nesta terra. Porém eu não veria mais que até nove ou dez. Outras aves então não vimos, somente algumas pombas-seixas, e pareceram-me bastante maiores que as de Portugal. Alguns diziam que viram rolas; eu não as vi. Mas, segundo os arvoredos são mui muitos e grandes, e de infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves!

Cerca da noite nos volvemos para as naus com nossa lenha.

Eu creio, Senhor, que ainda não dei conta aqui a Vossa Alteza da feição de seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos, as setas também compridas e os ferros delas de canas aparadas, segundo Vossa Alteza verá por alguns que – eu creio — o Capitão a Ela há de enviar.

À quarta-feira não fomos em terra, porque o Capitão andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejá-lo e fazer levar às

naus isso que cada uma podia levar. Eles acudiram à praia; muitos, segundo das naus vimos. No dizer de Sancho de Tovar, que lá foi, seriam obra de trezentos.

Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degredado, aos quais o Capitão ontem mandou que em toda maneira lá dormissem, volveram-se, já de noite, por eles não quererem que lá ficassem. Trouxeram papagaios verdes e outras aves pretas, quase como pegas[21], a não ser que tinham o bico branco e os rabos curtos.

Quando Sancho de Tovar se recolheu à nau, queriam vir com ele alguns, mas ele não quis senão dois mancebos dispostos e homens de prol[22]. Mandou-os essa noite mui bem pensar e curar.

Comeram toda a vianda que lhes deram; e mandou fazer-lhes cama de lençóis, segundo ele disse. Dormiram e folgaram aquela noite.

E assim não houve mais este dia que para escrever seja.

À quinta-feira, derradeiro de abril, comemos logo, quase pela manhã, e fomos em terra por mais lenha e água. E, em querendo o Capitão sair desta nau, chegou Sancho de Tovar com seus dois hóspedes. E por ele ainda não ter comido, puseram-lhe toalhas.

Trouxeram-lhe vianda e comeu. Aos hóspedes, sentaram cada um em sua cadeira. E de tudo o que lhes deram comeram mui

---

[21] Ave europeia corvídea - Gralha-do-campo

[22] Homens de prestígio

bem, especialmente lacão[23] cozido, frio, e arroz. Não lhes deram vinho, por Sancho de Tovar dizer que o não bebiam bem.

Acabado o comer, metemo-nos todos no batel e eles conosco. Deu um grumete a um deles uma armadura[24] grande de porco montês, bem revolta. Tanto que a tomou, meteu-a logo no beiço, e, porque se lhe não queria segurar, deram-lhe uma pequena de cera vermelha. E ele ajeitou-lhe seu adereço detrás para ficar segura, e meteu-a no beiço, assim revolta para cima. E vinha tão contente com ela, como se tivesse uma grande jóia. E tanto que saímos em terra, foi-se logo com ela, e não apareceu mais aí.

Andariam na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e de aí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia quatrocentos ou quatrocentos e cinqüenta.

Traziam alguns deles arcos e setas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos. Bebiam alguns deles vinho; outros o não podiam beber. Mas parece-me, que se lho avezarem, o beberão de boa vontade.

Andavam todos tão dispostos, tão bem-feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha, quanta podiam, com mui boa vontade, e levavam-na aos batéis.
Andavam já mais mansos e seguros entre nós, do que nós andávamos entre eles.

---

[23] Pernil de porco
[24] mandíbula

Foi o Capitão com alguns de nós um pedaço por este arvoredo até uma ribeira grande e de muita água que, a nosso parecer, era esta mesma, que vem ter à praia, e em que nós tomamos água. Ali ficamos um pedaço, bebendo e folgando, ao longo dela, entre esse arvoredo, que é tanto, tamanho, tão basto e de tantas prumagens,[25] que homens as não podem contar. Há entre ele muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos.

Quando saímos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos direitos à Cruz, que estava encostada a uma árvore, junto com o rio, para se erguer amanhã, que é sexta-feira, e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. A esses dez ou doze que aí estavam, acenaram-lhe que fizessem assim, e foram logo todos beijá-la.

Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.

E portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar.

---

[25] Refere-se aos troncos das árvores

E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa.

Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim.

Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens.

Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios[26], que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Neste dia, enquanto ali andaram, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som dum tamboril dos nossos, em maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus.

Se lhes homem acenava se queriam vir às naus, faziam-se logo prestes para isso, em tal maneira que, se a gente todos quisera convidar, todos vieram. Porém não trouxemos esta noite às naus, senão quatro ou cinco, a saber: o Capitão-mor, dois; e Simão de Miranda, um, que trazia já por pajem; e Aires Gomes, outro, também por pajem.

Um dos que o Capitão trouxe era um dos hóspedes, que lhe trouxeram da primeira vez, quando aqui chegamos, o qual veio

[26] quem tem pele gordurosa e, por isso, meio brilhante

hoje aqui, vestido na sua camisa, e com ele um seu irmão; e foram esta noite mui bem agasalhados, assim de vianda, como de cama, de colchões e lençóis, para os mais amansar.

E hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra, com nossa bandeira; e fomos desembarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor chantar[27] a Cruz, para melhor ser vista. Ali assinalou o Capitão o lugar, onde fizessem a cova para a chantar.

Enquanto a ficaram fazendo, ele com todos nós outros fomos pela Cruz abaixo do rio, onde ela estava. Dali a trouxemos com esses religiosos e sacerdotes diante cantando, em maneira de procissão.

Eram já aí alguns deles, obra de setenta ou oitenta; e, quando nos viram assim vir, alguns se foram meter debaixo dela, para nos ajudar. Passamos o rio, ao longo da praia e fomo-la pôr onde havia de ficar, que será do rio obra de dois tiros de besta. Andando-se ali nisto, vieram bem cento e cinquenta ou mais.

Chantada a Cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiramente lhe pregaram, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco a ela obra de cinqüenta ou sessenta deles, assentados todos de joelhos, assim como nós.

E quando veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco e alçaram as mãos, ficando assim, até ser acabado; e então tornaram-se a

[27] Plantar uma estaca

assentar como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram assim todos, como nós estávamos com as mãos levantadas, e em tal maneira sossegados, que, certifico a Vossa Alteza, nos fez muita devoção.

Estiveram assim conosco até acabada a comunhão, depois da qual comungaram esses religiosos e sacerdotes e o Capitão com alguns de nós outros.

Alguns deles, por o sol ser grande, quando estávamos comungando, levantaram-se, e outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de cinqüenta ou cinqüenta e cinco anos, continuou ali com aqueles que ficaram.

Esse, estando nós assim, ajuntava estes, que ali ficaram, e ainda chamava outros. E andando assim entre eles falando, lhes acenou com o dedo para o altar e depois apontou o dedo para o Céu, como se lhes dissesse alguma coisa de bem; e nós assim o tomamos.

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima e ficou em alva; e assim se subiu junto com altar, em uma cadeira. Ali nos pregou do Evangelho e dos Apóstolos, cujo dia hoje é, tratando, ao fim da pregação, deste vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, o que nos aumentou a devoção.

Esses, que à pregação sempre estiveram, quedaram-se como nós olhando para ele. E aquele, que digo, chamava alguns que viessem para ali. Alguns vinham e outros iam-se. E, acabada a pregação, como Nicolau Coelho trouxesse muitas cruzes de

estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda, houveram por bem que se lançasse a cada um a sua ao pescoço.

Pelo que o padre frei Henrique se assentou ao pé da Cruz e ali, a um por um, lançava a sua atada em um fio ao pescoço, fazendo-lha primeiro beijar e alevantar as mãos. Vinham a isso muitos; e lançaram-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cinqüenta.

Isto acabado – era já bem uma hora depois do meio-dia – viemos às naus a comer, trazendo o Capitão consigo aquele mesmo que fez aos outros aquela mostrança para o altar e para o Céu e um seu irmão com ele. Fez-lhe muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca e ao outro uma camisa destes outras.

E, segundo que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer, como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm.

E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar, porque já então terão mais conhecimento de nossa fé, pelos dois degredados, que aqui entre eles ficam, os quais, ambos, hoje também comungaram.

Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem deram um pano com que se cobrisse. Puseram-lho a redor de si. Porém, ao assentar, não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal, que a de

Adão não seria maior, quanto a vergonha. Ora veja Vossa Alteza se quem em tal inocência vive se converterá ou não, ensinando-lhes o que pertence à sua salvação. Acabado isto, fomos assim perante eles beijar a Cruz, despedimo-nos e viemos comer.

Creio, Senhor, que com estes dois degredados ficam mais dois grumetes, que esta noite se saíram desta nau no esquife, fugidos para terra. Não vieram mais. E cremos que ficarão aqui, porque de manhã, prazendo a Deus, fazemos daqui nossa partida.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa.

Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas

que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria.

Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé.

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha, de Vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miúdo.

Pero Vaz de Caminha

Sobrescrito: A El Rey Nosso Senhor

(Arquivo da Torre do Tombo – Gaveta 8 – Maço 2 – Número 8)

III

O primeiro historiador brasileiro

Quem foi o primeiro historiador brasileiro? Quem é o autor da nossa primeira história? É o que vamos ver nas páginas deste livro.

O primeiro brasilense que escreveu a história de sua pátria foi, incontestavelmente, Fr. Vicente do Salvador. Este frade, que se chamou na sociedade Vicente Rodrigues Palha, nasceu num lugar distante da cidade do Salvador cerca de seis léguas, em dia incerto, tendo sido batizado na Sé da referida cidade pelo cura Simão Gonçalves, em 28 de Janeiro de 1587. É o que afirma Jaboatão na parte 1ª do vol. I, pg. 230 e 376; e parte 2ª do vol. I, pg. 105-111, vol. II, pg. 426-431 do seu *Orbe Seráfico.* Entretanto Capistrano de Abreu discorda desta informação, observando:

> *«Esta data (28 de Janeiro de 1567) não deve estar certa. Terminando seu livro em 1627, diz Fr. Vicente que está com 63 anos, o que dá para o de seu nascimento 1564; em tempos de observação cultual tão severa como aqueles, não é de crer*

que deixassem pagão por tanto tempo um menino.
É, portanto razoável admitir que em vez de 28 de Janeiro de 1567, deve-se ler de 1565; e quanto ao dia do nascimento talvez seja 20 de Dezembro (de 1564), dia em que dedicou a Severino de Faria o livro em cuja última pagina declara ter sessenta o três anos. »

Estudou as primeiras letras e as humanidades no colégio dos Jesuítas, provavelmente no provinciado de Anchieta (1577 a 1588). Matriculou-se, em seguida, na Universidade de Coimbra, onde se graduou em ambos os direitos (*utroque juris*), recebendo o título de doutor, após um curso no qual se distinguiu em teologia e cânones. Em 1591, parece, já estava na Bahia quando desembarcou o governador D. Francisco de Sousa, num domingo da Trindade, conforme seu relato na sua *História do Brasil*.

Regressando á sua pátria resolveu seguir a carreira eclesiástica, então a melhor de todas, e em 27 de Janeiro de 1599, com a idade de 35 anos, recebeu o hábito franciscano das mãos do padre custódio Fr. Braz de S. Jerônimo, e a 30 do mesmo mês de 1600 professou sobre a direção do prelado do Convento, Fr. António de Insua.

Eis aí quem foi o primeiro brasilense que escreveu uma História do Brasil. Além deste livro, ainda é de sua autoria um outro. — *A Crônica da Custódia do Brasil*,

— até agora inédito, mas citado em várias obras, como por exemplo, no *Angiologio Lusitano*, vol. I, pag. 469, 1ª edição, de Jorge Cardoso. Onde param os originais? Ninguém sabe. Provavelmente nos espólios de algum convento.

Alguns críticos pretendem confundir as duas obras do ilustre franciscano, afirmando que a «*A Crônica*» é o princípio da *História do Brasil*. Porém contra essa confusão se insurge o erudito Capistrano de Abreu, dizendo:

> *«Convém deixar apurado um ponto que tem dado pretexto a não pequena confusão. Fr. Vicente do Salvador escreveu dois livros: A Crônica da Custódia do Brasil e a História do Brasil. Já a diferença nos títulos é indício favorável a conclusão. Mas há outros: a Crônica foi escrita em 1618, a História em 1627; a História é obra volumosa, citando a Crônica, Jorge Cardoso qualifica-a de breve; Cardoso que conhece a Crônica, desconhece e não cita a História; Santa Maria, que aproveita a História, guarda silêncio quanto a Crônica. Por não ter notado estas circunstâncias, Varnhagen, visconde de Porto Seguro, concluiu que Fr. Vicente escreveu a primeira parte de uma vez e anos depois a segunda.»* (Anais da Biblioteca Nacional, vol. XIII, 1885-1886, pg. X).

O Marques de Olinda possuía uma cópia dos originais da História do Brasil de Fr. Vicente do Salvador. Essa cópia foi tirada em Portugal por João Francisco Lisboa, e chegou ao Rio em 1857 ou 1858. O Marques de Olinda, que foi Ministro do Império, custeava com a verba da sua repartição as despesas das cópias de documentos da Torre do Tombo, cópias primeiramente feitas sob a direção de Gonçalves Dias e depois sob a de João Francisco Lisboa. Tiradas desde 4 de Março de 1857 até 12 de Dezembro de 1858, ficaram em mãos do ministro, até a sua morte, em 7 de Junho de 1870. Os livros e manuscritos de Olinda entraram na partilha do espólio e um de seus herdeiros incluiu num leilão a cópia do livro de Fr. Vicente. Arrematou-o o livreiro e bibliófilo sr. João Martins Ribeiro, proprietário da Livraria Martins, da rua General Camará. Este senhor, avaliando a importância do manuscrito, ofertou-o graciosamente a Biblioteca Nacional, em Novembro de 1881. Capistrano de Abreu e Lino Assumpção obtiveram, por intermédio de Valle Cabral, uma outra cópia tirada do manuscrito da Torre do Tombo e em Julho do 1886 começaram a publicar no Diário Oficial as primeiras páginas da História do Brasil de Fr, Salvador.

Em 20 de Dezembro de 1887 os mesmos historiadores publicaram em volume os dois primeiros livros dessa História. Em 1888, impressa nas oficinas de Leuzinger & C, a Biblioteca Nacional publicou a primeira História do Brasil, escrita por um brasileiro em 1627 — a de Fr. Vicente. E na *Introdução* disse Capistrano:

> *«Vê, pois, agora a luz, pela primeira vez, a História do Brasil de Fr. Vicente do Salvador, na qual saiu-lhe das mãos com as mutilações infligidas pelo descuido e ingratidão de quase três séculos de esquecimento. »*

Conjectura Jaboatão no seu *Orbe Seráfico* que Fr. Vicente faleceu entre os anos de 1636 e 1639.

Recentemente, com prefácio e anotações de Capistrano de Abreu, a casa Weizflog Irmãos reeditou o livro precioso do franciscano da Bahia.

Fr. Vicente do Salvador (Dr. Vicente Rodrigues Falha) foi, portanto, o primeiro filho do Brasil que escreveu a História de sua pátria. Mas foi essa História a nossa primeira História? Não. A nossa primeira História foi a de Pero de Magalhães Gandavo, publicada em 1576, em Lisboa, na tipografia de Antônio Gonçalves.

As referências que encontramos sobre Pero de Magalhães de Gandavo e seu livro sobre o Brasil, são as seguintes:

1 - Em **BARBOSA MACHADO** (Biblioteca Lusitana, tomo III, pg-. 591):

> *«Pero de Magalhães Gandavo, natural de Braga, filho de pai flamengo, tendo permanecido alguns anos no Brasil, abrira escola pública entre O*

Douro e Minho, aonde também casara, mostrando-se insigne humanista o excelente latino.»

2 - Em **HENRI TERNAUX** (Prefácio da sua tradução *Histoire de la Province de Santa Cruz*, por Pero de Magalhães de Gandavo, Paris, 1837):

«A sua (de Gandavo) História do Brasil, publicada em Lisboa em casa de Antônio Gonçalves em 1576, é certamente uma das obras mais notáveis que apareceram no décimo sexto século, sobre a descrição de países longínquos: o estilo da obra é simples, mérito não vulgar entre os escritores daquela nação. Apesar de conter noções falsas, ou pouco exatas que a ignorância da época desculpa, não se encontra ali uma dessas fabulas ou legendas que os autores contemporâneos tão cegamente acolhiam; por isso todos os que dela falam são unânimes em elogiá-la. Nicolau Antônio e João Soares de Brito falam dela com louvor.

Desgraçadamente a indiferença dos portugueses e espanhóis, mesmo para os seus melhores autores, impediu que esta obra fosse outra vez reimpressa. Tornou-se tão excessivamente rara, que se não encontrariam agora senão três ou quatro exemplares; não se acha em nenhuma Biblioteca Pública de Paris, e é raramente citada pelos autores portugueses que têm tratado do

Brasil. Parece até que esta obra foi ignorada de muitos deles, ainda de Vasconcellos, porque no grande numero de citações, com que este autor se compraz em cobrir as margens dos seus livros, não se lê uma única vez o nome de Gandavo. Posso, portanto apresentar este livro como uma das publicações sobre a América menos conhecidas, e mais dignas de o serem. »

3 - **REIFFENBERG** (Nouveaux Mémoires de l'Academie Royale des Sciences et Belles-Lettres de Bruxelles, tomo XIV, 1841, pg. 75):

«Gandavo, segundo A. Voisin (Menager des Sciences Historiques, 1841, 2º livro, pg. 284), era filho de um flamengo de Gand, e por isso tomou o cognome de ***Gandavo****. »*

4 - **FIGANIÈRE** (Bibliotbeca Histórica Portuguesa):

«Só existem, parece, dois exemplares (da História do Brasil de Gandavo): um na livraria de Ternaux Coupans, e outro na Biblioteca Pública do Rio de Janeiro. »

5 - A Academia Real das Sciencias de Lisboa (Coleção de Opúsculos, tomo I, nº 3, 1858, IV e V) :

"A raridade da obra de Pero de Magalhães de Gandavo sobre o Brasil é um fato incontestável. É provável que na preciosa livraria de Mr. Hasse,

que constava de mais de dez mil volumes, principalmente de autores portugueses e castelhanos, comprada em 1806 pela Universidade de Coimbra pela quantia de seis contos de réis, se encontre algum exemplar desta obra. Em Lisboa não nos consta que exista nenhum, apesar de havermos consultado as pessoas mais entendidas em matérias bibliográficas. »

6 - **ANTÔNIO DE LIÃO PINELO** (Bibliografia Oriental e Ocidental), que se contenta apenas em enumerar as obras, cita a História de Gandavo como *uma obra curiosa e única.*

7 - **GIL GONÇALVES DE ÁVILA** (Teatro das Grandezas de Madrid, pg. 504), afirma ser a *História do Brasil* de Pero de Magalhães de Gandavo *uma obra mui erudita e curiosa.*

O exemplar que manuseamos é o da *Biblioteca Nacional,* coleção Barbosa Machado, secção Reservada. Por esse exemplar raríssimo, ora fazemos, a presente edição, pensando prestar um pequeno serviço aos que se dedicam ao estudo da nossa História.

APROVAÇÃO

“Vi a presente obra de Pero de Magalhães, por mandado dos Senhores do Conselho Geral da Inquisição, e não tem coisa que seja contra nossa Santa Fé católica, nem os bons costumes, antes muitas, muito para ler. Hoje dez de novembro de 1575”
Francisco de Gouvea.

“Vista a informação pode-se imprimir, e torne o próprio com um dos impressos a esta Mesa, e este despacho se imprima no princípio do Livro com a dita informação. Em Évora a dez de novembro.”
Manoel Antunes
Secretário do Conselho Geral do Santo Ofício da Inquisição o fez ano de 1575 anos.
Lião Anriques - Manoel de Quadros.

“Pode-se imprimir esta obra, por não ser prejudicial em coisa alguma antes mui conveniente para se poder ler: em Lisboa a 4 de Fevereiro de 1575.”
Christovão de Matos.

Vendem-se em casa de João Lopes
livreiro na Rua Nova.

Depois dessa aprovação, aparecem uns versos de Camões dedicados ao editor Leonis e ao livro de Pero de Magalhães

AO MUITO ILUSTRE SENHOR DOM LEONÍS PEREIRA

Sobre o livro que oferece Pero de Magalhães
Tercetos de Luís de Camões

Depois que Magalhães teve tecida
A breve História sua que ilustrasse,
A Terra Santa Cruz pouco sabida;

Imaginando a quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro, de algum zoilo[28] que ladrasse.

Tendo nisto ocupada a fantasia,
Lhe sobreveio um sono repousado,
Antes que o Sol abrisse claro dia.

Em sonhos lhe aparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa:
Com que fez quem o viu todo enfiado

[28] invejoso

Dizendo em voz pesada e temerosa:
Não é justo que a outrem se ofereça
Obra alguma que possa ser famosa,

Senão a, quem pior armas resplandeça,
Isto largo mundo com tal nome e fama.
Que louvor imortal sempre mereça.

Isto assim dito, Apolo que da flama
Celeste guia os carros, da outra parte
Se lhe apresenta, e por seu nome o chama,

Dizendo: Magalhães, posto que Marte
Com seu terror t'espante, todavia
Comigo deves só aconselhar-te

Um barão sapiente, em quem Talia[29].
Pôs seus tesouros, e eu minha ciência,
Defender tuas obras poderia.

É justo que a escritura na prudência
Ache sua defensa; porque a dureza
Das armas, é contrária da eloquência:

Assim disse: e tocando com destreza
A cítara dourada começou
A mitigar de Marte a fortaleza.

---

[29] Talia era uma das Graças na mitologia grega. Deusa do brotar das flores, era bela e graciosa

Mas Mercúrio, que sempre costumou
A despartir porfias duvidosas,
Com o caduceu na mão que sempre usou,

Determina compor as perigosas.
Opiniões dos Deuses inimigos.
Com razões boas, justas e amorosas.

E disse: bem sabemos dos antigos
Heróis, e dos modernos que provaram
De Belona[30] os gravíssimos perigos,

Que também muitas vezes ajuntaram
Às armas eloquência; porque as Musas
Mil capitães na guerra acompanharam.

Nunca Alexandre ou César nas confusas
Guerras deixarão o estudo um breve espaço,
Nem armas das ciências são escusas.

Numa mão livros, noutra ferro e aço:
A uma rege e ensina e outra fere
Mais com o saber se vence que com o braço.

Pois logo barão grande se requere.
Que com teus dois Apolo ilustre seja,
E de ti Marte palma e glória espere.

---

[30]Belona, na mitologia romana, é a deusa da guerra, de origem etrusca.

Este vos darei eu em que se veja,
Saber e esforço no sereno peito,
Que é Dom Lionis que faz ao mundo inveja.

Deste as irmãs em vendo o bom sujeito,
Todas nove nos braços o tomaram,
Criando-o com seu leite no seu leito.

As artes e ciência lhe ensinaram,
Inclinação divina lhe influíram,
As virtudes morais que o logo ornaram.

Daqui os exercícios o seguiram,
Das armas no Oriente, onde primeira,
Um soldado gentil instituíram.

Ali tais provas fez de Cavaleiro,
Que de Cristão magnânimo e seguro,
Assim mesmo venceu por derradeiro.

Despois já Capitão forte e maduro
Governando a Áurea Chersoneso[31],
Lhe defendeu com o braço o débil muro.

Porque vindo a cercá-lo todo o peso
Do poder dos Achens[32], que se sustenta
Do sangue alheio, em fúria todo aceso.

---

[31] península
[32] habitantes do antigo reino de Achém, em Samatra.

Este só que a ti Marte representa
O castigou de sorte, que o vencido
De ter quem fique vivo se contenta

Pois tanto que o gram Reino defendido
Deixou: Segunda vez com maior glória
Para o ir governar foi elegido.

Mas não perdendo ainda da memória
Os amigos o seu governo brando
Os inimigos o dano da vitória.

Uns com amor intrínseco esperando
Estão por ele, e os outros congelados
O vão com temor frio receando.

Pois vede se serão desbaratados
De todo por seu braço se tornasse,
E dos mares da Índia degradados.

Porque é justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olimpo alto e subido
Favor e ajuda com que pelejasse

Pois aqui certo está bem dirigido.
De Magalhães o livro, este só deve
De ser de vós ó Deuses escolhido.

Isto Mercúrio disse: e logo em breve
Se conformarão nisto, Apolo e Marte,
E voou juntamente o sono leve.

Acorda Magalhães, e já se parte
A vos oferecer Senhor famoso
Tudo o que nele pôs, ciência e arte.

Tem claro estilo, engenho curioso-,
Para poder de vós ser recebido,
Com mão benigna de ânimo amoroso.

Porque só de não ser favorecido
Um claro espírito fica baixo e escuro
E seja ele convosco defendido
Como o foi de Malaca o fraco muro.

SONETO

DO MESMO AUTOR AO SENHOR DOM LEONIS

ACERCA DA VITÓRIA QUE HOUVE CONTRA
EL-REY DO ACHEM EM MALACA.

Vós Ninfas da Gangelica[33] espessura
Cantai suavemente em voz sonora
Um grande capitão que a roxa Aurora
Dos filhos defendeu da noite escura

Ajuntou-se a caterva negra e dura,
Que na Áurea Chersonesa afouta mora,
Para lançar do caro ninho fora
Aqueles que mais podem que a ventura;

Mas um forte leão com pouca gente,
A multidão tão fera como néscia
Destruindo castiga, e toma fraca.

Pois ó Ninfas cantai, que claramente
Mais do que Leônidas fez em Grécia
O nobre Lionis fez em Malaca.

NOTA. — Nas três edições das obras completas de Camões (as de Simão Thadeo Ferreira, ano de 1783, de Barreto Féo e J. G. Monteiro — Hamburgo 1834; e a de Lisboa, Escritório da Biblioteca Portuguesa, — 1852), há variantes relativamente a estes versos. Preferimos apresentá-los tais como se encontravam na edição da História de Gandavo, ano de 1576.

[33] Referente aos arredores do rio Ganges

AO MUITO ILUSTRE SENHOR

DOM LEONIS PEREIRA

EPÍSTOLA DE PERO DE MAGALHÃES

Neste pequeno serviço, muito ilustre Senhor, que ofereço a V. M. das primícias de meu fraco entendimento, poderá nalguma maneira conhecer os desejos que tenho de pagar, com minha possibilidade, alguma parte do muito que se deve à ínclita fama do vosso heroico nome.

E isto assim, pelo merecimento do nobilíssimo sangue e clara progénie donde trás sua origem, como pelos troféus das grandes vitórias e casos bem afortunados que lhe hão sucedido nessas partes do Oriente em que Deus o quis favorecer com tão larga mão, que não cuido ser toda minha vida bastante para satisfazer à menor parte dos seus louvores.

E como todas estas razões me ponham em tanta obrigação, e eu entenda que outra nenhuma cousa deve ser mais aceita às pessoas de altos ânimos que a lição das escrituras, por cujos meios se alcançam os segredos de todas as ciências, e os homens vêm a ilustrar seus nomes e perpetuá-los na terra com fama imortal,

determinei escolher a V. M. entre os mais Senhores da terra, e dedicar-lhe esta breve história: a qual espero que folgue de ver com atenção e recebê-la benignamente debaixo do seu amparo, assim por ser cousa nova, e eu a escrever como testemunha de vista: como por saber quão particular afeição V. M. tem às cousas do engenho, e que por esta causa lhe não será menos aceito o exercício das escrituras que o das armas.

Por onde com muita razão favorecido desta confiança possa seguramente sair à luz com esta pequena empresa, e divulgá-la pela terra sem nenhum receio, tendo por defensor dela a V. M., cuja muito ilustre pessoa nosso Senhor guarde e acrescente sua vida e estado por longos e felizes anos.

HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DE SANTA CRUZ

PRÓLOGO AO LEITOR

A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente história, e sair com ela a luz, foi por não haver até agora pessoa que a empreendesse, havendo já setenta e tantos anos que esta Província foi descoberta.

A qual história creio que mais esteve sepultada em tanto silêncio, pelo pouco caso que os Portugueses fizeram sempre da mesma província, que por faltarem na terra pessoas de engenho, e curiosas que por melhor estilo, e mais copiosamente que eu a escrevessem.

Porém já que os estrangeiros a tem noutra estima, e sabem suas particularidades melhor e mais de raiz que nós (aos quais lançaram já os Portugueses fora dela à força d'armas por muitas vezes) parece cousa decente e necessária terem também os nossos naturais a mesma notícia, especialmente para que todos aqueles que nestes Reinos vivem em pobreza não duvidem escolhê-la para seu amparo, porque a mesma terra é tal, e tão

Historia da prouincia sācta Cruz a que vulgarmēte chamamos Brasil: feita por Pero de Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito Ill.tre sñor Dom Lionis Pereira gouernador que foy de Malaca e das mais partes do Sul na India.

MDLXXVI

ROSTO DA HISTORIA DE GANDAVO

Da edição de 1576

favorável aos que a vão buscar, que a todos agasalha e convida com remédio, por pobres e desamparados que sejam.

E também há nela cousas dignas de grande admiração e tão notáveis que parecerá descuido e pouca curiosidade nossa, não fazer menção delas em algum discurso, e dá-las à perpétua memória, como costumavam os antigos: aos quais não escapava cousa alguma que por extenso não reduzissem a história, e fizessem menção em suas escrituras de cousas menores que estas, as quais hoje em dia vivem entre nós como sabemos, e viveram eternamente.

E se os antigos Portugueses, e ainda os modernos não fossem tão pouco afeiçoados à escritura como são; não se perderiam tantas antiguidades entre nós, de que agora carecemos, nem haveria tão profundo esquecimento de muitas cousas, em cujo estudo têm muitos homens doutos cansado, e revolvido grande cópia de livros sem as poderem descobrir nem recuperar da maneira que passaram.

Daqui vinha aos Gregos e Romanos haverem todas as outras nações por bárbaras, e na verdade com razão lhes podia dar este nome, pois eram tão pouco solícitos, e cobiçosos de honra que por sua mesma culpa deixavam morrer aquelas cousas que lhes podiam dar nome, e fazê-los imortais.

Como, pois a escritura seja vida da memória, e a memória uma semelhança da imortalidade a que todos devemos aspirar pela parte que dela nos cabe, quis movido destas razões, fazer esta breve história, para cujo ornamento não busquei epítetos esquisitos, nem outra formosura de vocábulos de que os eloquentes Oradores costumam usar para com artifício de palavras engrandecerem suas obras.

Somente procurei escrever esta na verdade por um estilo fácil, e chão, como meu fraco engenho me ajudou, desejoso de agradar a todos os que dela quiserem ter notícia.

Pelo que devo ser desculpado das faltas que aqui me podem notar: digo dos discretos, que com são zelo o costumam fazer, que dos idiotas e mal dizentes não hei de escapar, pois está certo não perdoarem a ninguém.

CAPÍTULO I

De como se descobriu esta Província, e a razão por que se deve chamar Santa Cruz e não Brasil

Reinando aquele mui Católico o Sereníssimo Príncipe El Rey Dom Manuel, fez-se uma frota para a Índia, de que ia por Capitão-Mor Pedralvares Cabral, que foi a segunda navegação que fizeram os Portugueses para aquelas partes do Oriente.

A qual partiu da Cidade de Lisboa a nove de Março no ano de 1500. E sendo já entre as Ilhas do Cabo verde, as quais iam demandar para fazer aí aguada, deu-lhes um temporal, que foi causa de as não poderem tomar, e de se apartarem alguns navios da companhia.

E depois de haver bonança, junta outra vez a frota, empenharam-se ao mar, assim por fugirem das calmarias de Guiné que lhes podiam estorvar sua viagem, como por lhes ficar largo e poderem dobrar o Cabo de Boa Esperança.

E havendo já um mês que iam naquela volta navegando com vento próspero, foram dar na Costa desta Província, ao longo da qual cortaram todo aquele dia, parecendo a todos que era alguma grande Ilha que ali estava, sem haver piloto, nem outra pessoa alguma que tivesse notícia dela nem que presumisse que podia estar terra firme para aquela parte Ocidental.

E no lugar que lhes pareceu dela mais acomodado, surgiram naquela tarde, onde logo tiveram vista de gente da terra, de cuja semelhança não ficaram pouco admirados, e porque era diferente da de Guiné, e fora do comum parecer de toda outra que tinham visto.

Estando assim surtos nesta parte que digo, saltou aquela noite com eles tanto tempo, que lhes foi forçado levarem as âncoras, e com aquele vento que lhes era largo por aquele rumo, foram correndo a costa até chegarem a um porto limpo, e de bom surgidouro, onde entraram: ao qual puseram este nome que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes dar acolhimento e os assegurar do perigo da tempestade que levavam.

Ao outro dia seguinte saiu Pedralvares em terra com a maior parte da gente, na qual se disse logo missa cantada, e houve pregação.

E os índios da terra que ali se ajuntaram ouviram tudo com muita quietação, usando de todos os atos e cerimônias que viam fazer aos nossos: e assim se punham de joelhos e batiam nos peitos como se

tivessem lume de Fé, ou que por alguma via lhes fora revelado aquele grande e inefável mistério do Santíssimo Sacramento, no que mostravam claramente estarem dispostos para receberem a doutrina Cristã a todo o tempo que lhes fosse denunciada como gente que não tinha impedimento de ídolos, nem professava outra Lei alguma que pudesse contradizer a esta nossa, como adiante se verá no capítulo que trata de seus costumes.

Então despediu logo Pedralvares um navio com a nova a El Rei Dom Manoel, a qual foi dele recebida com muito prazer o contentamento: e daí por diante começou logo demandar alguns navios a estas partes e assim se foi descobrindo a terra pouco a pouco, e conhecendo de cada vez mais, até que depois se veio toda a repartir em Capitanias e a povoar da maneira que agora está.

E tomando Pedralvares, seu descobridor, passado alguns dias que ali esteve fazendo sua aguada e esperando por tempo que lhe servisse, antes de se partir por deixar nome àquela Província, por ele novamente descoberta, mandou alçar uma cruz no mais alto lugar, de uma árvore, onde foi arvorada com grande solenidade e bênçãos de Sacerdotes que levava em sua companhia, dando a terra este nome de Santa Cruz cuja festa celebrava naquele mesmo dia a Santa Madre Igreja, que era aos três de maio.

O que não parece carecer de Mistério, porque assim como nestes Reinos de Portugal trazem a cruz no peito por insígnia da Ordem e Cavalaria de Cristo, assim

prouve a ele que esta terra se descobrisse a tempo que o tal nome lhe pudesse ser dado neste Santo dia, pois havia de ser possuída de Portugueses, e ficar por herança de patrimônio ao Mestrado da mesma Ordem de Cristos.

Por onde não parece razão que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos dele tão indevidamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o pau da tinta começou de vir a estes Reinos; ao qual chamaram brasil por vermelho, e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome de Brasil.

Mas para que nesta parte magoemos ao Demônio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memória da Santa Cruz e desterrá-la dos corações dos homens, mediante a qual somos redimidos e livrados do poder de sua tirania, tornemos-lhe a restituir seu nome e chamemos-lhe Província de Santa Cruz, como em princípio que assim o admoesta também aquele ilustre e famoso escritor João de Barros na sua primeira Década, tratando deste mesmo descobrimento, porque, na verdade, mais é de estimar, e melhor soa nos ouvidos da gente Cristã o nome de um pau em que se obrou o mistério de nossa redenção que o doutro que não serve de mais que de tingir panos ou cousas semelhantes.

CAPÍTULO II

Em que se descreve o sítio e qualidades desta Província

Esta província Santa Cruz está situada naquela grande América uma das quatro partes do mundo. Dista o seu princípio dois graus da equinocial para a banda do Sul, e daí se vai estendendo para o mesmo sul até quarenta e cinco graus. De maneira que parte dela fica situada debaixo da Zona tórrida e parte debaixo da temperada.

Está formada esta Província a maneira de uma harpa, cuja costa pela banda do Norte corre da Oriente ao Ocidente e está olhando diretamente à Equinocial; e pela do Sul confina com outras Províncias da mesma América povoadas e possuídas do povo gentílico, com que ainda não temos comunicação.

E pela do Oriente confina com o mar Oceano Africano, e olha diretamente os Reinos de Congo e Angola até ao Cabo de Boa Esperança, que é o seu opositor.

E pela do Ocidente confina com as altíssimas serras dos Andes e fraldas do Peru, as quais são tão soberbas em

cima da terra que se diz terem as aves trabalho em as passar.

E até hoje um só caminho lhe acharam os homens vindos do Peru a esta Província, e este tão agro[34], que em o passar perecem algumas pessoas caindo do estreito caminho que trazem, e vão parar os corpos mortos tão longe dos vivos que nunca os mais veem, nem podem ainda que queiram dar-lhes sepultura.

Destes e doutros extremos semelhantes carece esta Província Santa Cruz, porque em ser tão grande não tem Serras, ainda que muitas, nem desertos nem alagadiços que com facilidade se não possam atravessar.

Além disto, é esta Província, sem contradição, a melhor para a vida do homem que cada uma das outras de América, por ser comumente de bons ares e fertilíssima, e em grande maneira deleitosa e aprazível a vista humana.

O ser ela tão salutífera e livre de enfermidades, procede dos ventos que geralmente cursam nela, os quais são Nordestes e Sul, e algumas vezes Lestes e Sudestes. E como todos estes procedam da parte do mar, vem tão puros e coados, que não somente não danam, mas recriam e acrescentam a vida do homem.

[34] Áspero, escarpado, escabroso

A viração destes ventos entra ao meio dia pouco mais ou menos e dura até a madrugada, então cessa por causa dos vapores da terra que o apagam, e quando amanhece as mais das vezes está o Céu todo coberto de nuvens, e assim as mais das manhãs chove nestas partes, e fica a terra toda coberta de névoa por respeito de ter muitos arvoredos que chamam a si todos estes humores.

E neste intervalo sopra um vento brando que na terra se gera, até que o sol com seus raios o calma, e entrando o vento do mar acostumado, torna o dia claro e sereno, e faz ficar a terra limpa e desimpedida de todas estas exalações.

Esta Província é à vista mui deliciosa e fresca em grande maneira: toda está vestida de mui alto e espesso arvoredo, regada com as águas de muitas e mui preciosas ribeiras de que abundantemente participa toda a terra, onde permanece sempre a verdura com aquela temperança da primavera que cá nos oferece Abril e Maio.

E isto causa não haver lá frios, nem ruínas de inverno que ofendam as suas plantas, como cá ofendem às nossas. Enfim que assim se houve a Natureza com todas as cousas desta Província, e de tal maneira se comediu na temperança dos ares, que nunca nela se sente frio nem quentura excessiva.

As fontes que há na terra são infinitas, cujas águas fazem crescer a muitos e mui grandes rios que por esta

costa, assim da banda, do Norte, como do Oriente, entram no mar Oceano.

Alguns deles nascem no interior do sertão, os quais vêm por longas e tortuosas vias a buscar o mesmo Oceano: onde suas correntes fazem afastar as marinhas águas por força, e entram nele com tanto ímpeto, que com muita dificuldade e perigo se pode por eles navegar.

Um dos mais famosos e principais que há nestas partes é o das Amazonas, o que sai ao Norte meio grau da Equinocial para o Sul e tem trinta léguas de boca pouco mais ou menos.

Este rio tem na entrada muitas ilhas que o dividem em diversas partes e nasce de uma lagoa, que está cem léguas do mar ao Sul ao pé de umas serras do Quito, Província do Peru, donde partiram algumas embarcações de Castelhanos, e navegando por ele abaixo vieram sair em o mar Oceano meio grau da Equinocial, que será distância de 600 léguas por linha direta, não contando as mais que se acrescentam nas voltas que faz o mesmo rio.

Outro mui grande cinquenta léguas deste para Oriente sai também ao Norte, a que chamam rio do Maranhão. Tem dentro muitas Ilhas, e uma no meio da barra que está povoada de gentio, ao longo da qual podem surgir quaisquer embarcações.

Terá este rio sete léguas de boca pela qual entra tanta abundância de água salgada, que daí cinquenta léguas pelo sertão dentro, é nem mais nem menos como um braço de mar até onde se pode navegar por entre as Ilhas sem nenhum impedimento.

Aqui se metem dois rios nele que vem do sertão, por um dos quais entraram alguns Portugueses quando foi do descobrimento que foram fazer no ano de 35, e navegaram por ele acima duzentas e cinquenta léguas até que não puderam ir mais por diante por causa da água ser pouca, e o rio se ir estreitando de maneira que não podiam já por ele caber as embarcações. Do outro não descobriram cousa alguma e assim se não sabe até agora donde procedem ambos.

Outro mui notável sai pela banda do Oriente ao mesmo Oceano a que chamam de São Francisco, cuja boca está em dez graus e um terço, e será meia légua de largo.

Este rio entra tão soberbo no mar, e com tanta fúria que não chega a maré à boca, somente faz algum tanto represar suas águas e daí três léguas ao mar se acha água doce. Corre-se da boca, do Sul para o Norte, dentro é muito fundo e limpo, e pode-se navegar por ele até sessenta léguas como já se navegou.

E dai por diante se não pode passar por respeito de uma cachoeira mui grande que há neste passo onde cai o peso da água de mui alto. E acima desta cachoeira se mete o mesmo rio debaixo da terra, e vem sair numa

légua daí, e quando há cheias arrebenta por cima e arrasa toda a terra.

Este rio procede de um lago mui grande que está no íntimo da terra, onde afirmam que há muitas povoações, cujos moradores (segundo fama) possuem grandes haveres de ouro e pedraria.

Outro rio mui grande, e um dos mais espantosos do mundo, sai pela mesma banda do Oriente em trinta e cinco graus, a que chamam rio da Prata, o qual entra no Oceano com quarenta léguas de boca.

O é tanto o ímpeto de água doce que traz de todas as vertentes do Peru, que os navegantes primeiro, no mar bebem suas águas, que vejam a terra donde este bem lhes procede. Duzentas e setenta léguas por ele acima está edificada uma Cidade povoada de Castelhanos que se chama Assunção.

Até aqui se navega por ele, e ainda daqui por diante muitas léguas. Neste rio pela terra dentro se vem meter outro a que chamam Paraguai, que também procede do mesmo lago como o de São Francisco que atrás fica.

Além destes rios há outros muitos que pela costa ficam, assim grandes como pequenos, e muitas enseadas, bahias, e braços de mar, de que não quis fazer menção, porque meu intento não foi senão escolher as cousas mais notáveis, e principais da terra, e tratá-las aqui

somente em particular, para que assim não fosse notado de prolixo e satisfizesse a todos com brevidade.

CAPÍTULO III

Das Capitanias e povoações de Portugueses que há nesta Província

Tem esta Província, assim como vai lançada na linha Equinocial para o Sul, oito Capitanias povoadas de Portugueses, que contém cada uma em si pouco mais ou menos cinquenta léguas de costa, e demarcações umas das outras por uma linha lançada Leste-Oeste, e assim ficam limitadas per estes termos entre o mar Oceano e a linha da repartição geral dos Reis de Portugal e Castela.

As quais Capitanias El Rei Dom João, o terceiro desejoso de plantar nestas partes a religião Cristã, ordenou em seu tempo escolhendo para o governo de cada uma delas vassalos seus de sangue e merecimento, em que cabia esta confiança, os quais edificaram suas povoações ao longo da costa nos lugares mais convenientes e acomodados que lhes pareceu para a vivenda dos moradores.

Todas estão já mui povoadas de gente, e nas partes mais importantes guarnecidas de muita e mui grossa

artilharia que as defende e as segura dos inimigos assim da parte do mar como da terra.

Junto delas havia muitos índios quando os Portugueses começaram de as povoar; mas porque os mesmos índios se levantavam contra eles e lhes faziam muitas traições, os Governadores e Capitães da terra destruíram-nos pouco a pouco, e mataram muitos deles; outros fugiram para o sertão e assim ficou a terra desocupada de gentio ao longo das Povoações.

Algumas aldeias destes índios ficaram, todavia ao redor delas, que são de paz e amigos dos Portugueses que habitam estas Capitanias. E para que todas, no presente capítulo, faça menção, não farei por ora mais que referir de caminho os nomes dos primeiros Capitães que as conquistaram e tratar precisamente das povoações, sítios e portos onde residem os Portugueses, nomeando cada uma delas em especial assim como vão do Norte para o Sul, na maneira seguinte.

A primeira e mais antiga se chama Itamaracá, a qual tomou este nome de uma Ilha pequena, onde sua povoação está situada. Pero Lopes de Sousa foi o primeiro que a conquistou e livrou dos Franceses em cujo poder estava quando a foi povoar.

Esta Ilha em que os moradores habitam se divide da terra firme por um braço de mar que a rodea, onde também se ajuntam alguns rios que vem do sertão. E assim ficam duas barras lançadas cada uma para sua

banda, e a ilha em meio, por uma das quais entram navios grossos e de toda a sorte, e vão ancorar junto da povoação que está daí meia légua, pouco mais ou menos.

Também pela outra que fica da banda do Norte se servem algumas embarcações pequenas, a qual por causa de ser baixa não sofre outras maiores. Desta ilha para o Norte tem esta Capitania terras mui largas e viçosas, nas quais hoje em dia estiveram feitas grossas fazendas, e os moradores foram em muito mais crescimento, e floresceram tanto em prosperidade como em cada uma das outras se o mesmo Capitão Pero Lopes residira nela mais alguns anos e não a desamparara no tempo que a começou a povoar.

A segunda Capitania que adiante se segue, se chama Pernambuco, a qual conquistou Duarte Coelho, e edificou sua principal povoação em um alto a vista do mar, que está cinco léguas desta ilha de Itamaracá em altura de oito graus. Chama-se Olinda, é uma das mais nobres e populosas vilas que há nestas partes.

Cinco léguas pela terra dentro está outra povoação chamada Igaraçu, que por outro nome se diz a Vila dos Cosmos. E além dos moradores que habitam estas Vilas há outros muitos que pelos engenhos e fazendas estão espalhados, assim nesta como nas outras Capitanias de que a terra comarca toda está povoada.

Esta é uma das melhores terras, e que mais tem realçado os moradores que todas as outras Capitanias

desta Província: os quais foram sempre mui favorecidos dos índios da terra, de que alcançaram muitos infinitos escravos com que granjeiam suas fazendas. E a causa principal de ela ir sempre tanto avante no crescimento da gente, foi por residir continuamente nela o mesmo Capitão que a conquistou, e ser mais frequentada de navios deste Reino por estar mais perto dele que cada uma das outras que adiante se seguem.

Uma légua da povoação de Olinda para o Sul está um arrecife ou baixo de pedras, que é o Porto onde entram as embarcações. Tem a serventia pela praia e também por um rio pequeno que passa por junto da mesma povoação.

A terceira Capitania que adiante se segue, é da Bahia de Todos os Santos, terra de El Rei nosso Senhor, na qual residem o Governador, o Bispo e Ouvidor Geral de toda a costa.

O primeiro Capitão que a conquistou, e que a começou a povoar foi Francisco Pereira Coutinho: ao qual desbarataram os índios com a força da muita guerra que lhe fizeram a cujo ímpeto não pode resistir, pela multidão dos inimigos que então se conjuraram por todas aquelas partes contra os Portugueses.

Depois disto tornou a ser restituída, e outra vez povoada por Thomé de Sousa o primeiro Governador Geral que foi a estas partes. E daqui por diante foram

sempre os moradores multiplicando com muito acrescentamento de suas fazendas.

E assim uma das Capitanias que agora está mais povoada de Portugueses de quantas há nesta Província, é esta da Bahia de Todos os Santos. Tem três povoações mui nobres e de muitos vizinhos, as quais estão distantes das de Pernambuco cem léguas, em altura de treze graus.

A principal onde residem os do governo da terra e a mais da gente nobre, é a Cidade do Salvador. Outra está junto da barra, a qual chamam Villa Velha, que foi a primeira povoação que houve nesta Capitania.

Depois, Thomé de Sousa sendo Governador, edificou a Cidade do Salvador mais adiante meia légua por ser lugar mais decente e proveitoso para os moradores da terra.

Quatro léguas pela terra dentro está outra que se chama Paripe que também tem jurisdição sobre si como cada uma das outras.

Todas estas Povoações estão situadas ao longo de uma baía mui grande e formosa, onde podem entrar seguramente quaisquer naus por grandes que sejam, a qual é três léguas de largo, e navega-se quinze por ela dentro. Tem dentro em si muitas ilhas de terras mui singulares. Divide-se em muitas partes, e tem muitos

braços e enseadas por onde os moradores se servem em barcos para suas fazendas.

A quarta Capitania que é a dos Ilhéus se deu a Jorge de Figueiredo Correa, fidalgo da Casa de El Rei nosso Senhor, que por seu mandado a foi povoar um João Dalmeida, o qual edificou sua povoação trinta léguas da Bahia de Todos os Santos em altura de quatorze graus e dois terços.

Esta povoação é unia vila mui formosa, e de muitos vizinhos, a qual está em cima de uma ladeira a vista do mar, situada ao longo de um rio onde entram os navios. Este rio também se divide pela terra dentro em muitas partes, junto do qual tem os moradores da terra toda a granjaria de suas fazendas para as quais se servem por ele em barcos e almadias como os da Bahia de Todos os Santos.

A quinta Capitania a que chamam Porto Seguro conquistou Pero do Campo Tourinho: tem duas povoações que estão distantes das dos Ilhéus trinta léguas em altura de dezesseis graus e meio: entre as quais se mete um rio que faz um arrecife na boca como enseada, onde os navios entram. A principal povoação está situada em dois lugares, convém a saber parte dela em um tezo soberbo que fica sobre o rolo do mar da banda do Norte, e parte em uma várzea que fica pegada ao rio.

A outra povoação a que chamam Santo Amaro está uma légua deste rio para o Sul. A duas léguas deste mesmo arrecife, para o Norte está outro que é o porto, onde entrou a frota quando esta Província se descobriu. E porque então lhe foi posto este nome de Porto Seguro, como atrás deixo declarado, ficou daí a Capitania com o mesmo nome, e por isso se diz Porto Seguro.

A sexta Capitania é a do Espírito Santo, a qual conquistou Vasco Fernandes Coutinho. Sua povoação está situada em uma Ilha pequena, que fica distante das povoações de Porto Seguro sessenta léguas em altura de vinte graus.

Esta Ilha jaz dentro de um rio mui grande, de cuja barra dista uma légua pelo sertão dentro: no qual se mata infinito peixe e pelo conseguinte infinita caça na terra, de que os moradores continuamente são mui abastados. E assim é esta a mais fértil Capitania, e melhor provida de todos os mantimentos da terra que outra alguma que haja na costa.

A sétima Capitania é a do Rio de Janeiro, a qual conquistou Mendes de Sá; e a força d'armas, oferecido a mui perigosos combates, a livrou dos Franceses que a ocupavam, sendo Governador Geral destas partes.

Tem uma povoação a que chamam São Sebastião. Cidade mui nobre e povoada de muitos vizinhos, a qual está distante do Espírito Santo setenta e cinco léguas em altura de vinte e três graus.

Esta povoação está junto da barra, edificada ao longo de um braço de mar o qual entra sete léguas pela terra dentro, e tem cinco de travessa na parte mais larga, e na boca onde é mais estreito haverá um terço de légua.

No meio desta barra está uma Lagoa que tem cinquenta e seis braças de comprido, e vinte e seis de largo: na qual se pode fazer uma fortaleza para defensas da terra se cumprir.

Esta é uma das mais seguras e melhores barras que há nestas partes, pela qual podem quaisquer naus entrar e sair a todo o tempo sem temor de nenhum perigo. E assim as terras que há nesta Capitania, também são as melhores e mais aparelhadas para enriquecerem os moradores de todas quantas há nesta Província: e os que lá forem viver com esta esperança não creio que se acharão enganados.

A última Capitania é a de São Vicente, a qual conquistou Martim Afonso de Souza. Tem quatro povoações. Duas delas estão situadas em uma Ilha que divide um braço de mar da terra firme à maneira de rio.

Estão estas povoações distantes do Rio de Janeiro, quarenta e cinco léguas em altura de vinte e quatro graus. Esse braço de mar que cerca esta Ilha tem duas barras cada uma para sua parte. Uma delas é baixa e não muito grande, por onde não podem entrar senão embarcações pequenas, ao longo da qual está edificada

a mais antiga povoação de todas, a que chamam São Vicente.

Uma légua e meia da outra barra (que é a principal por onde entram os navios grossos e embarcações de toda a maneira que vem a esta Capitania) está a outra povoação, chamada Santos, onde, por respeito destas escalas, reside o Capitão ou o seu logo tenente com os oficiais do Conselho e governo da terra. Cinco léguas para o Sul há outra povoação, a que chamam Itanhaém.

Outra está a doze léguas pela terra dentro, chamada São Paulo, que edificaram os Padres da Companhia, onde há muitos vizinhos, e a maior parte deles são nascidos das índias naturais da terra, e filhos de Portugueses.

Também está outra Ilha a par desta da banda do Norte, a qual divide da terra firme outro braço de mar, que se vem ajuntar com este, em cuja barra estão feitas duas fortalezas, cada uma de sua banda que defendem esta Capitania dos índios e Corsários do mar com artilharia, de que estão mui bem apercebidas.

Por esta barra se serviam antigamente, que é o lugar por onde costumavam os inimigos de fazer muito dano aos moradores.

Outras muitas povoações há por todas estas Capitanias além destas de que tratei, onde residem muitos Portugueses, das quais não quis aqui fazer menção por

não ser meu intento dar notícia senão daquelas mais assinaladas que são as que tem oficiais de justiça e jurisdição sobre si como qualquer Vila ou Cidade destes Reinos.

CAPÍTULO IV

Da governança que os moradores destas Capitanias têm nestas partes e a maneira de como se hão em seu modo de viver

Depois que esta Província de Santa Cruz se começou de povoar de Portugueses, sempre esteve instituída em uma governança na qual assistia Governador Geral, por El Rei nosso Senhor, com alçada sobre os outros Capitães que residem em cada Capitania.

Mas porque de umas a outras há uma distância, e a gente vai em muito crescimento, repartiu-se em duas governações, convém a saber da Capitania de Porto Seguro para o Norte fica uma, e da do Espírito Santo para o Sul fica outra e em cada uma delas assiste seu Governador com a mesma alçada.

O da banda do Norte reside na Bahia de Todos os Santos, e o da banda do Sul no Rio de Janeiro. E assim fica cada um em meio de suas jurisdições, para desta maneira poderem os moradores da terra serem melhor governados e a custa de menos trabalho.

E vindo ao que toca ao governo de vida e sustentação destes moradores, quanto às casas em que vivem de cada vez se vão fazendo mais custosas e de melhores edifícios, porque, em princípio, não havia outras na terra senão de taipa e térreas cobertas somente com palma. E agora há já muitas sobradadas e de pedra e cal, telhadas e forradas como as deste Reino, das quais há ruas mui compridas, e formosas nas mais das povoações de que fiz menção.

E assim antes de muito tempo (segundo a gente vai crescendo) se espera que haja outros muitos edifícios e templos mui suntuosos com de todo se acabe nesta parte a terra de enobrecer.

Os mais dos moradores que por estas Capitanias estão espalhados, ou quase todos, tem suas terras de sesmarias dadas e repartidas pelos Capitães e Governadores da terra.

E a primeira cousa que pretendem adquirir são escravos para nelas lhes fazerem suas fazendas e se uma pessoa chega na terra a alcançar dois pares, ou meia dúzia deles (ainda que outra cousa não tenha de seu) logo tem remédio para poder honradamente sustentar sua família, porque um lhe pesca e outro lhe caça, os outros lhe cultivam e granjeiam suas roças e desta maneira não fazem os homens despesa em mantimentos com seus escravos, nem com suas pessoas.

Pois daqui se pode inferir quanto mais serão acrescentadas as fazendas daqueles que tiverem duzentos, ou trezentos escravos, como há muitos moradores na terra que não tem menos desta quantia, e daí para cima.

Estes moradores todos pela maior parte se tratam muito bem, e folgam de ajudar uns aos outros com seus escravos, e favorecem muito os pobres que começam a viver na terra.

Isto geralmente se costuma nestas partes, e fazem outras muitas obras pias, por onde todos tem remédio de vida, e nenhum pobre anda pelas portas a mendigar como nestes Reinos.

CAPÍTULO V

Das plantas, mantimentos e frutas que há nesta Província

São tantas e tão diversas as plantas e ervas que há nesta Província, de que se podiam notar muitas particularidades, que seria cousa infinita escrevê-las aqui todas, e dar notícia dos efeitos de cada uma isoladamente. E por isso nem farei agora menção senão de algumas em particular, principalmente daquelas, de cuja virtude e fruto participam os Portugueses.

Primeiramente tratarei da planta e raiz de que os moradores fazem seus mantimentos que lá comem em lugar de pão. A raiz se chama mandioca, e a planta de que se gera é da altura de um homem pouco mais ou menos.

Quando a querem plantar em alguma roça cortam-na e fazem-na em pedaços, os quais metem debaixo da terra, depois de cultivada, como estacas, e daí tornam arrebentar outras plantas de novo; e cada estaca destas cria três ou quatro raízes e daí para cima (segundo a virtude da terra em que se planta) as quais põe nove ou dez meses em se criar, salvo em São Vicente que põe três anos por causa da terra ser mais fria.

Estas raízes a cabo deste tempo se fazem mui grandes à maneira de inhames de S. Thomé, ainda que as mais delas são compridas, e revoltas da feição de corno de boi.

E depois de criadas desta maneira, se logo as não querem arrancar para comer, cortam-lhe a planta pelo pé, e assim estão estas raízes cinco ou seis meses debaixo da terra em sua perfeição sem se danarem; e em São Vicente se conservam vinte, e trinta anos da mesma maneira.

E tanto que as arrancam põem-nas a curtir em água três ou quatro dias, e depois de curtidas, pisam-nas muito bem. Feito isto metem aquela massa em umas mangas compridas e estreitas que fazem de umas vergas delgadas, tecidas à maneira de cesto e ali a espremem daquele sumo de maneira que não fique dele nenhuma cousa por esgotar, porque é tão peçonhento e em tanto extremo venenoso, que se uma pessoa ou qualquer outro animal o beber, logo naquele instante morrerá.

E depois de assim a terem curado desta maneira põem um alguidar sobre o fogo em que a lançam a qual está mexendo uma índia até que o mesmo fogo lhe acabe de gastar aquela umidade e fique enxuta e disposta para se poder comer que será por espaço de meia hora pouco mais ou menos. Este é o mantimento a que chamam

farinha de pão, com que os moradores e gentio desta Província se mantém.

Há, todavia farinha de duas maneiras: uma se chama de guerra e outra fresca. A de guerra se faz desta mesma raiz, e depois de feita fica muito seca e torrada de maneira que dura mais de um ano sem se danar. A fresca é mais mimosa e melhor gosto: mas não dura mais que dois ou três dias, e como passa deles logo se corrompe.

Desta mesma mandioca, fazem outra maneira de mantimentos que se chamam beijus, os quais são de feição de obreas, mas mais grossos e alvos, e alguns deles estendidos da feição de filhos. Destes usam muito os moradores da terra, principalmente os da Bahia de Todos os Santos, porque são mais saborosos e de melhor digestão que a farinha.

Também há outra casta de mandioca que tem diferente propriedade desta, a que por outro nome chamam aipim, da qual fazem uns bolos em algumas Capitanias que parecem no sabor que excedem o pão fresco deste Reino. O sumo desta raiz não é peçonhento como o que sai da outra, nem faz mal a nenhuma cousa ainda que se beba.

Também se come a mesma raiz assada como batata ou inhame: porque de toda a maneira se acha nela muito gosto.

Além deste mantimento, há na terra muito milho zaburro[35] de que se faz pão muito alvo, e muito arroz, e muitas favas de diferentes castas, e outros muitos legumes que abastam muito a terra.

Uma planta se dá também nesta Província, que foi da Ilha de São Thomé, com a fruta da qual se ajudam muitas pessoas a sustentar na terra.

Esta planta é mui tenra e não muito alta, não tem ramos senão umas folhas que serão seis ou sete palmos de comprido. A fruta dela se chama bananas.

Parecem-se na feição com pepinos, e criam-se em cachos: alguns deles há tão grandes que tem de cento e cinquenta bananas para cima, e muitas vezes é tamanho o peso dela que acontece quebrar a planta pelo meio. Como são de vez colhem estes cachos, e dali a alguns dias amadurecem.

Depois de colhidos cortam esta planta porque não frutifica mais que a primeira vez: mas tornam logo a nascer dela uns filhos que brotam do mesmo pé, de que se fazem outros semelhantes.

Esta fruta é mui saborosa, e das boas, que há na terra: tem uma pele como de figo (ainda que mais dura) a qual lhe lançam fora quando a querem comer: mas faz dano à saúde e causa febre a quem se desmanda nela.

---

[35] Variedade de milho da Índia

Umas árvores há também nestas partes mui altas a que chamam Zabucáes[36]: nas quais se criam uns vasos tamanhos como grandes cocos, quase da feição de jarras da Índia. Estes vasos são mui duros em grande maneira, e estão cheios de umas castanhas muito doces e saborosas em extremo, e tem as bocas para baixo, cobertas com umas sapadoiras[37] que parece realmente não serem assim criadas da natureza, senão feitas per artifício de indústria humana. E tanto que as tais castanhas são maduras caem estas sapadoiras e dali começam as mesmas castanhas também a cair pouco a pouco, até não ficar nenhuma dentro dos vasos.

Outra fruta há nesta terra muito melhor, e mais prezada dos moradores de todas, que se cria em uma planta humilde junto do chão: a qual planta tem umas pencas como de erva babosa. A esta fruta chamam Ananases, e nascem como alcachofras, os quais parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, e alguns maiores.

Depois que são maduros, tem um cheiro mui suave e comem-se aparados feitos em talhadas. São tão saborosos, que a juízo de todos não há fruta neste Reino que no gosto lhe faça vantagem, e assim fazem os moradores por eles mais, e os tem em maior estima que outro nenhum pomo que haja na terra.

---

[36] Talvez se refira às castanhas do pará

[37] tampa

Há outra fruta que nasce pelo mato em umas árvores tamanhas como pereiras, ou macieiras: a qual é de feição de peras repinaldas[38], e muito amarela. A esta fruta chamam Cajus: tem muito sumo, e come-se pela calma para refrescar, porque é ela de sua natureza muito fria, e de maravilha faz mal, ainda que se desmandem nela.

Na ponta de cada pomo destes se cria um caroço tamanho como castanhas, da feição de fava: o qual nasce primeiro, e vem diante da mesma fruta como flor; a casca dele é muito amargosa em extremo, e o miolo assado é muito quente de sua propriedade e mais gostoso que a amêndoa.

Outras muitas frutas há nesta Província de diversas qualidades comuns a todos, e são tantas que já se acharam pela terra adentro algumas pessoas as quais se sustentavam com elas muitos dias sem outro mantimento algum.

Estas que aqui escrevo, são as que os portugueses têm entre si em mais estima, e as melhores da terra.

Além das plantas que produzem de si estas frutas, e mantimentos que na terra se comem, há outras de que os moradores fazem suas fazendas, convém a saber, muitas canas de açúcar, e algodoais, que é a principal

[38] Tipo de pera

fazenda que há nestas partes, de que todos se ajudam e fazem muito proveito em cada uma destas Capitanias, especialmente na do Pernambuco que são feitos perto do trinta engenhos, e na Bahia do Salvador quase outros tantos, onde se tira cada um ano grande quantidade de açucares, e se dá infinito algodão, e mais sem comparação que em nenhumas das outras.

Também há muito pau brasil nestas Capitanias de que os mesmos moradores alcançam grande proveito: o qual pau se mostra claro ser produzido da quentura do Sol, e criado com a influência de seus raios, porque não se acha senão debaixo da tórrida Zona, e assim quando mais perto está da linha Equinocial, tanto é mais fino e do melhor tinta; e esta é a causa porque o não há na Capitania de São Vicente nem daí para o Sul.

Um certo gênero de árvores há também pelo mato dentro na Capitania de Pernambuco a que chamam Copaíbas de que se tira bálsamo mui salutífero e proveitoso em extremo, para enfermidades de muitas maneiras, principalmente das que procedem de frialdade: causa grandes efeitos, e tira todas as dores por graves que sejam em muito breve espaço.

Para feridas ou quaisquer outras chagas, tem a mesma virtude, as quais tanto que com ele lhe acodem, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira, que de maravilha se enxerga onde estiveram e nisto faz vantagem a todas as outras medicinas.

Este óleo não se acha todo o ano perfeitamente nestas árvores, nem procuram ir buscá-lo senão no estio que é o tempo em que assinaladamente o criam. E quando querem tirá-lo dão certos golpes ou furos no tronco delas pelos quais pouco a pouco estão estilando[39] do âmago este licor precioso.

Porém não se acha em todas estas árvores senão em algumas a que por este respeito dão o nome de fêmea, e as outras que carecem dele chamam machos, e nisto somente se conhece diferença destes dois gêneros, que na proporção e semelhança não difere nada umas das outras. As mais delas se acham roçadas dos animais, que por instinto natural se sentem feridos ou mordidos de alguma fera as vão buscar para remédio de suas enfermidades.

Outras árvores diferentes destas há na Capitania dos Ilhéus, e na do Espírito Santo a que chamam Caborahibas, de que também se tira outro bálsamo: o qual sai da casca da mesma árvore, e cheira suavissimamente.

Também aproveita para as mesmas enfermidades, e aqueles que o alcançam têm-no em grande estima e vendem-no por muito preço, porque além de as tais arvores serem poucas correm muito risco as pessoas que o vão buscar, por causa dos inimigos que andam sempre

---

[39] gotejando

naquela parte emboscados pelo mato e não perdoam a quantos acham.

Também há uma certa árvore na Capitania de São Vicente, que se diz pela língua dos índios *«Obirá paramaçací»*, que quer dizer "pau para enfermidades" : com o leite da qual somente com três gotas, purga uma pessoa por baixo e por cima grandemente. E se tomar quantidade de uma casca de noz, morrerá sem nenhuma remissão.

De outras plantas e ervas que não dão fruto nem se sabe o para que prestam, se podia escrever, de que aqui não faço menção, porque meu intento não foi senão dar notícia, como já disse, destas de cujo fruto se aproveitam os moradores da terra.

Somente tratarei de uma mui notável, cuja qualidade sabida creio que em toda a parte causará grande espanto. Chama-se erva viva[40], e tem alguma semelhança de Silvam macho.

Quando alguém lhe toca com as mãos, ou com qualquer outra cousa que seja, naquele momento se encolhe e murcha de maneira que parece criatura sensitiva que se enoja, e recebe escândalo com aquele toque. E depois que sossega, como cousa já esquecida deste agravo, torna logo pouco a pouco a estender-se até ficar outra vez tão robusta e verde como dantes.

---

[40] dormideira

Esta planta deve ter alguma virtude mui grande, a nós encoberta, cujo efeito não será pela ventura de menos admiração. Porque sabemos de todas as ervas que Deus criou, ter cada uma particular virtude com que fizessem diversas operações naquelas cousas para cuja utilidade foram criadas e quanto mais esta a que a natureza nisto tanto quis assinalar dando-lhe um tão estranho ser, e diferente de todas as outras.

CAPÍTULO VI

Dos animais e bichos venenosos que há nesta Província

Como esta Província soja tão grande e a maior parte dela inabitada e cheia de altíssimos arvoredos, e espessos matos, não é d'espantar que haja nela muita diversidade de animais, e bichos mui feros e venenosos, pois cá entre nós, com ser terra já tão cultivada e possuída de tanta gente, ainda se criam em brenhas cobras mui grandes de que se contam cousas mui notáveis, e outros bichos o animais mui danosos, esparzidos por charnecas e matos, a que os homens com serem tantos e matarem sempre neles, não podem acabar de dar fim, como sabemos.

Quanto mais nesta Província, onde os climas e qualidades dos ares terrestres, não são menos dispostos para os gerarem, do que a terra em si, pelos muitos matos que digo, acomodada para os criar.

Porém de quanta imundícia e variedade de animais por ela espalhou a natureza, não havia lá nenhuns domésticos, quando começaram os Portugueses de a povoar. Mas depois que a terra foi deles conhecida, e vieram a entender o proveito da criação que nesta parte

podiam alcançar, começaram-lhe a levar da Ilha do Cabo Verde, cavalos e éguas de que agora há já grande criação em todas as Capitanias desta Província.

E assim há também grande cópia de gado que da mesma Ilha foi levado a estas partes, principalmente do vacum há muita abundância, o qual pelos pastos serem muitos, vai sempre em grande crescimento.

Os outros animais que na terra se acharam todos são bravos de natureza, e alguns estranhos nunca vistos em outras partes, dos quais darei aqui logo notícia começando primeiramente por aqueles que na terra se comem, de cuja carne os moradores são mui abastados em todas as Capitanias.

Há muitos veados e muita soma de porcos de diversas castas convém a saber, há monteses como os desta terra, e outros mais pequenos que tem o umbigo nas costas de que :se mata na terra grande quantidade; e outros que comem e criam em terra, e andam debaixo d'água o tempo que querem: aos quais, como corram pouco por causa de terem os pés compridos e as mãos curtas, proveio a natureza de maneira que pudessem conservar a vida debaixo da mesma água, aonde logo se lançam de mergulho, tanto que veem gente, ou qualquer outra cousa de que se temam; e assim a carne destes como a dos outros é muito saborosa e tão sadia que se manda dar aos enfermos, porque para qualquer doença é proveitosa e não faz mal a nenhuma pessoa.

Também há uns animais na terra a que chamam Antas, que são da feição de mulas, mas não tão grandes, e tem o focinho mais delgado, e um beiço comprido a maneira de tromba. As orelhas são redondas e o rabo não muito comprido, e são cinzentas pelo corpo, e brancas pela barriga.

Estas Antas não saem a pastar senão de noite, e tanto que amanhece metem-se em alguns brejos, ou na parte mais secreta que acham e ali estão o dia todo escondidas como aves noturnas a que luz do dia é odiosa, até que anoitecendo, tornam outra vez a sair e pastar por onde querem como é seu costume. A carne destes animais tem o sabor como de vaca, da qual parece que se não diferencia cousa alguma.

Outros animais há a que chamam Cotias, que são do tamanho de lebres; e quase tem a mesma semelhança, e sabor. Estas cotias são ruivas, e tem as orelhas pequenas, e o rabo tão curto que quase se não enxerga.

Há também outros maiores a que chamam Pacas, que tem o focinho redondo, e quase da feição do gato, e o rabo como o da Cotia. São pardas e malhadas de pintas brancas por todo o corpo.

Quando querem guisá-las para comer, pelam-nas como leitão, e as esfolam, porque tem um couro mui tenro e saboroso, e a carne também é muito gostosa e das melhores que há na terra.

Outros há também nestas partes muito para notar, e mais fora da comum semelhança dos outros animais (a meu juízo) que quantos até agora se tem visto. Chamam-lhes Tatu, e são quase tamanhos como leitões, tem um casco como de Cágado, o qual é repartido em muitas juntas como lâminas, e proporcionados de maneira, que parece totalmente um cavalo armado.

Tem um rabo comprido todo coberto do mesmo casco: o focinho é como de leitão, ainda que mais delgado algum tanto, e não bota mais fora do casco que a cabeça. Tem as pernas baixas, e criam-se em covas como coelhos. A carne destes animais é a melhor, e a mais estimada que há nesta terra, e tem o sabor quase como de galinha.

Há também coelhos como os de cá da nossa Pátria de cujo parecer não diferem cousa alguma.

Finalmente que desta e de toda a mais caça de que acima tratei participam (como digo) todos os moradores, e mata-se muita a custa de pouco trabalho em toda parte querem, porque não há lá impedimento de coutadas, como nestes Reinos, e um só índio basta, se é bom caçador, a sustentar uma casa de carne no mato, o qual não escapa um dia por outro, que não, mate porco ou veado, ou qualquer outro animal destes de que fiz menção

Outros animais há nesta Província mui feros e prejudiciais a toda esta caça, e ao gado dos moradores: aos quais chamam Tigres, ainda que na terra a mais da

gente os nomeia Onças: mas algumas pessoas que os conhecem e os viram em outras partes, afirmam que são Tigres. Estes animais parecem-se naturalmente com gatos, e não diferem deles em outra cousa: salvo na grandeza do corpo porque alguns são tamanhos como bezerros e outros mais pequenos. Tem o cabelo dividido em várias e distintas cores, convém a saber em pintas brancas, pardas e pretas.

Como se acham famintos entram nos currais do gado e matam muitas vitelas, e novilhos que vão comer ao mato, e o mesmo fazem a todo o animal que podem alcançar. E pelo conseguinte quando se vem perseguidos da fome, também cometem aos homens, e nesta parte são tão ousados, que já aconteceu trepar se um índio a uma árvore por se livrar de um destes animais que o ia seguindo, e pôr-se o mesmo Tigre ao pé da árvore, não bastando a espantá-lo alguma gente que acudiu da Povoação aos gritos do índio.

Antes a todos os medos se deixou estar muito seguro guardando sua presa até que sendo noite se tornaram outra vez sem ousarem de lhe fazer nenhuma ofensa, dizendo ao índio que se deixasse estar, que ele se enfadaria de o esperar, e quando veio pela manhã (ou porque o índio se quis descer parecendo-lhe que o Tigre era já ido, ou por acertar de cair por algum desastre, ou pela via que fosse) não se achou aí mais dele que os ossos.

Porém pelo contrário, quando estão fartos são mui cobardes, e tão pusilânimes que qualquer cão que remete a eles, basta a fazê-los fugir: e algumas vezes acossados do medo se trepam a uma árvore, e ali se deixam matar as flechadas sem nenhuma resistência.

Enfim que fartura supérflua, não somente apaga a prudência, a fortaleza do ânimo, e a viveza do engenho ao homem, mais ainda aos brutos animais inabilita e faz incapazes de usarem de suas forças naturais posto que tenham necessidade de as exercitarem para defesa de sua vida.

Outro gênero de animais há na terra, a que chamam Corigões,[41] que são pardos e quase tamanhos como raposas, os quais tem uma abertura na barriga ao comprido, de maneira que de cada banda lhes fica um bolso onde trazem os filhos metidos. E cada filho tem sua teta pegada na boca, da qual a não tiram nunca até que se acabam de criar.

Destes animais se afirma que não concebem nem geram os filhos dentro da barriga senão em aqueles bolsos, porque nunca de quantos se tomaram se achou algum prenhe. E além disto há outras conjeturas mui prováveis por onde se tem por impossível parirem os tais filhos como todos os outros animais (segundo a ordem da natureza) parem os seus.

[41] Provavelmente gambás

Um certo animal se acha também nestas partes, a que clamam Preguiça (que é pouco mais ou menos do tamanho destes) o qual tem um rosto feio, e umas unhas muito compridas quase como dedos. Tem uma gadelha grande no toutiço que lhe cobre o pescoço, e anda sempre com a barriga lançada pelo chão sem nunca se levantar em pé como os outros animais; e as si se move com passos tão vagarosos que ainda que ande quinze dias aturados, não vencerá distância de um tiro de pedra.

O seu mantimento é folhas de árvores e em cima delas anda o mais do tempo, aonde há pelo menos mister dois dias para subir e dois para descer. E posto que o matem com pancadas nem que o persigam outros animais, não se meneia uma hora mais que outra.

Outro gênero de animais há na terra, a que chamam Tamanduás que serão tamanhos como carneiros, os quais são pardos e tem um focinho muito comprido e delgado para baixo; a boca não tão rasgada como a dos outros animais, e é tão pequena, que escassamente caberiam por ela dois dedos: tem uma língua muito estreita e quase de três palmos em comprido. As fêmeas têm duas tetas no peito como de mulher, e o ubre lançado em cima do pescoço entre as pás, donde lhes desce o leite as mesmas tetas com que criam os filhos.

E assim tem mais cada um deles duas unhas em cada mão, tão compridas como grandes dedos, largas á maneira de escouparo. Também pelo conseguinte tem

um rabo mui cheio de sedas, e quase tão compridas com as de um cavalo.

Todos estes extremos que se acham nestes animais, são necessários para conservação de sua vida, porque não comem outra cousa senão formigas. E como isto assim seja vão-se com aquelas unhas arranhar nos formigueiros onde as há, e tanto que as tem agravadas lançam a língua fora e põem-na ali naquela parte onde arranharam, a qual como se enche delas recolhem para dentro da boca, e tantas vezes fazem isto, até que se acabam de fartar. E quando se querem agasalhar ou esconder de alguma cousa, levantam aquele rabo e lançam-no por cima de si, debaixo de cujas sedas ficam todos cobertos sem se enxergar deles cousa alguma.

Bugios há na terra muitos, e de muitas castas como já se sabe, e por serem tão conhecidos em toda a parte não particularizarei aqui suas propriedades tanto por extenso. Somente tratarei em breves palavras alguma cousa destes que particularmente entre os outros se pode fazer menção.

Há uns ruivos, não muito grandes que derramam de si um cheiro mui suave a toda a pessoa que a eles se chega, e se os tratam com as mãos, ou se acertam de suar, ficam muito mais odoríferos e lançam o cheiro a todos os circunstantes: destes há mui poucos na terra, e não se acham senão pelo sertão dentro muito longe.

Outros há pretos maiores que estes, que tem barba como homem, os quais são tão atrevidos, que muitas vezes acontece flecharem os índios alguns, e eles tirarem as flechas do corpo com suas próprias mãos, e tornarem a arremessá-las a quem lhes atirou. Estes são mui bravos de sua natureza, e mais esquivos de todos quantos há nestas partes.

Há também uns pequeninos pela costa, de duas castas pouco maiores que doninhas, a que comumente chamam Saguis, convém a saber, há uns louros, e outros pardos: os louros tem um cabelo muito fino, e na semelhança do vulto e feição do corpo quase se querem parecer com leão, são muito formosos e não os há senão no Rio de Janeiro. Os pardos se acham daí para o Norte em todas as mais Capitanias.

Também são muito aprazíveis, mas não tão alegres a vista como estes. E assim, uns como outros são tão mimosos e delicados de sua natureza, que como os tiram da pátria o os embarcam para este Reino tanto que chegam a outros ares mais frios quase todos morrem no mar, e não escapa senão algum de grande maravilha.

Há também pelo mato dentro cobras mui grandes e de muitas castas a que os índios dão diversos nomes, conforme as suas propriedades. Umas há na terra tão disformes de grandes, que engolem um veado, ou qualquer outro animal semelhante todo inteiro.

E isto não é muito para espantar, pois vemos que nesta nossa pátria, há hoje em dia cobras bem pequenas, que engolem uma lebre ou coelho da mesma maneira tendo um colo que a vista parece pouco mais grosso que um dedo: e quando vem a engolir estes animais alarga-se, e dá de si de maneira, que passam por ela inteiros, e assim os estão sorvendo até os acabarem de meter no bucho, como entre nós é notório.

Quanto mais estas outras de que trato que por razão de sua grandeza fica parecendo a quem nas viu menos dificultoso, engolirem qualquer animal da terra por grande que seja.

Outras há doutra casta diferente não tão grandes como estas, mas mais venenosas, as quais tem na ponta do rabo uma cousa que soa quase como cascavel, e por onde quer que vão sempre andam rugindo e os que as ouvem tem cuidado de se guardarem delas.

Além destas há outras muitas na terra, doutras castas diversas, que aqui não refiro por escusar prolixidade, as quais pela maior parte são tão nocivas, que se acertam de morder alguma pessoa de maravilha escapa, e o mais que dura são vinte e quatro horas.

Também há Lagartos mui grandes pelas lagoas e rios de água doce, cujos testículos cheiram melhor que almíscar; e a qualquer roupa que os chegam, fica o cheiro pegado por muitos dias.

Outros muitos animais e bichos venenosos há nesta Província, de que não trato, os quais são tantos em tanta abundância, que seria história mui comprida nomeá-los aqui todos, e tratar particularmente da natureza de cada um, havendo, como digo, infinidade deles nestas partes, aonde pela disposição da terra, e dos climas que a senhoreiam, não pode deixar de os haver.

Porque como os ventos que procedem da mesma terra se tornam inficionados das podridões das ervas, matos e alagadiços geram-se com a influência do Sol que nisto concorre, muitos e mui peçonhentos, que per toda a terra estão esparzidos, e a esta causa se criam e acham nas partes marítimas, e pelo sertão adentro infinitos da maneira que digo.

CAPÍTULO VII

Das aves que há nesta Província

Entre todas as cousas de que há na presente história se pode fazer menção, a que mais aprazível e formosa se oferece à vista humana é a grande variedade das finas e alegres cores das muitas aves que nesta Província se criam, as quais por serem tão diversas em tanta quantidade, não tratarei senão somente daquelas de que se pode notar alguma cousa e que na terra mais estimadas dos Portugueses e índios que habitam estas partes.

Há nesta Província muitas aves de rapina mui formosas e de varias castas, convém a saber, Águias, Açores, e Gaviões, e outras doutros gêneros diversos, e cores diferentes, que também tem a mesma propriedade.

Águias são mui grandes e forçosas, e assim remetem com tanta fúria a qualquer ave, ou animal que querem prear, que as vezes acontece nestas virem algumas tão desatinadas seguindo a presa que marram nas casas dos moradores, ali caem à vista da gente sem mais se poderem levantar.

Os índios da terra as costumam tomar em seus ninhos quando são pequenas e criam-nas em umas corças para

depois de grandes se aproveitarem das penas em suas galanterias acostumadas.

Os Açores são como os de cá, ainda que há um certo gênero deles que tem os pés todos velosos, e tão cobertos de pena que escassamente se lhes enxergam as unhas. Estes são muito ligeiros e de maravilha lhes escapa ave, ou qualquer outra caça a que remetam.

Os Gaviões também são mui destros e forçosos: especialmente uns pequenos como esmerilões, em sua quantidade e são tanto, que remetem a uma perdiz, e a levam nas unhas para onde querem, e juntamente são tão atrevidos, que muitas vezes acontece de ferirem a qualquer ave e apanhá-la dentre a gente sem se quererem retirar nem largá-la por muito que os espantem. As outras aves que na terra se comem, e de que os moradores se aproveitam são as seguintes:

Há um certo gênero delas, a que chamam Macuco d'água, que são pretas, e maiores que galinhas: as quais tem três ordens de titelas, são mui gordas e tenras, e assim os moradores as tem em muita estima: porque são elas muito saborosas, e mais que outras algumas que entre nós se comam.

Também há outras quase tamanhas como estas, a que chamam Jacus e nós lhe chamamos galinhas do mato. São pardas e pretas, e tem um círculo branco na cabeça e o pescoço vermelho. Matam-se na terra muitas delas e

pelo conseguinte são mui saborosas, e das melhores que há no mato.

Há também na terra muitas perdizes, pombos e rolas como as deste Reino, e muitos patos e ades bravas pelas lagoas e rios desta costa, e outras muitas aves de diferentes castas que não são menos saborosas e sadias que as melhores que cá entre nós se coimem, e tem mais estima.

Papagaios há nestas partes muitos de diversas castas e mui formosos, como cá se veem alguns por experiência. Os melhores de todos, e que mais raramente se acham na terra, são uns grandes maiores que açores a que chamam Anapurus. Estes papagaios são variados de muitas cores, e criam-se muito longe pelo sertão dentro, e depois que os tomam, vem a ser tão domésticos, que põem ovos em casa e acomodam-se mais à conversação da gente que outra qualquer ave que haja por mais doméstica e mansa que seja. E por isso são tidos na terra em tanta estima, que vai cada um entre os índios dois, três escravos.

E assim os Portugueses que os alcançam os têm na mesma estima: porque são eles, além disso, muito belos, e vestidos como digo de cores mui alegres e tão finas, que excedem na formosura a todas quantas aves há nestas partes.

Há outros quase do tamanho destes, a que chamam Canindés que são todos azuis: salvo nas asas que têm

algumas penas amarelas. Também são muito formosos, e estimados em grande apreço de toda pessoa que os alcança.

Também se acham outros do mesmo tamanho pelo sertão adentro a que chamam Araras os quais são vermelhos semeados de algumas penas amarelas, e tem as asas azuis, e um rabo muito comprido e formoso.

Os outros menores, que mais facilmente falam e melhor de todos, são aqueles a que na terra comumente chamam papagaios verdadeiros, os quais trazem os índios do sertão a vender aos Portugueses a troco de resgates.

Estes são pouco mais ou menos do tamanho de pombas, verdes claros, e tem a cabeça quase toda amarela, e os encontros das asas vermelhos.

Outro gênero deles há pela costa entre os Portugueses do tamanho destes, a que chamam coricas, os quais são vestidos de uma pena verde escura, e tem a cabeça azul da cor de rosmaninho. Destes papagaios há na terra mais quantidade do que cá entre nós há de gralhas ou de estorninhos e não são tão estimados como os outros porque gazeam muito, e além disso falam dificultosamente, e a custa de muita indústria.

Mas quando vem a falar passam pelos outros e fazem-lhe nesta parte muita vantagem, e por isso os índios da terra costumam depenar alguns em quanto são novos e

tingi-los com o sangue de umas certas rãs, com outras misturas que lhe ajuntam, e depois que se tornam a cobrir de pena ficam nem mais nem menos da cor dos verdadeiros: e assim acontece muitas vezes enganarem com eles a algumas pessoas, vendendo-lhes por tais.

Há também uns pequenos que vem do sertão, pouco maiores que pardais, a que chamam Tuyns aos quais vestiu a natureza de uma pena verde muito fina sem outra nenhuma mistura, e tem o bico e as pernas brancas, e um rabo muito comprido. Estas também falam, e são muita formosos e aprazíveis em extremo.

Outros há pela costa tamanhos como melros, a que chamam Maracanãs, os quais tem a cabeça grande, e um bico muito grosso: também são verdes e falam como cada um dos outros.

Algumas aves notáveis há também nestas partes, afora estas que tenho referido, de que também farei menção e em especial tratarei logo de umas marítimas a que chamam Guarás, as quais serão pouco mais ou menos do tamanho de gaivotas. A primeira pena de que a natureza as veste, é branca sem nenhuma mistura, e mui fina em extremo.

E por espaço de dois anos pouco mais ou menos a mudam, e torna-lhes a nascer outra parda também muito fina sem outra nenhuma mistura; e pelo mesmo tempo adiante a tornam a mudar, e ficam vestidas de uma muito preto distinta de toda outra cor. Depois daí a

certo tempo pelo conseguinte a mudam e tornam-se a cobrir doutra mui vermelha, e tanto, como o mais fino e puro carmesim que no mundo se pode ver e nesta acabam seus dias.

Umas certas aves se acham também, na Capitania de Pernambuco pela terra dentro maiores duas vezes que galos do Peru: as quais são pardas, e tem na cabeça acima do bico um esporão muito agudo como corno, variado de branco e pardo escuro, quase do comprimento de um palmo, e três semelhantes a este em cada asa, algum tanto mais pequenos, convém a saber uns nos encontros, outros nas juntas do meio, outros nas pontas das mesmas asas. Estas aves tem o bico como de águia, e os pés grossos e muito compridos. Nos joelhos tem uns calos tamanhos como grandes punhos.

Quando pelejam com outras aves viram-se de costas, e assim se ajudam de todas estas armas que a natureza lhes deu para sua defesa.

Outras aves há também nestas partes, cujo nome a todos cá é notório, as quais ainda que tenham mais ofício de animais terrestres que de aves pela razão que logo direi, todavia por serem realmente aves de que se pode escrever, e terem a mesma semelhança, não deixarei de fazer menção delas como de cada uma das outras.

Chamam-se Emas, as quais terão tanta carne como um grande carneiro e têm as pernas tão grandes que são quase até os encontros das asas da altura de um homem. O pescoço é mui comprido em extremo, e tem a cabeça nem mais nem menos como de pata, são pardas brancas e pretas, e variadas pelo corpo de umas penas mui formosas que cá entre nós costumam servir nas gorras e chapéus de pessoas galantes, e que professam a arte militar.

Estas aves pastam ervas como qualquer outro animal do campo, e nunca se levantam da terra, nem voam como as outras, somente abrem as asas e com elas vão ferindo o ar ao longo da mesma terra, e assim nunca andam, senão em campinas onde se achem desimpedidas de matos e arvoredos, para justamente poderem correr e voar da maneira que digo.

Doutras infinitas aves que há nestas partes, a que a natureza vestiu de muitas e mui finas cores, poderá também aqui fazer menção, mas como meu intento principal não foi na presente história senão ser breve e fugir de cousas em que pudesse ser notado de prolixo dos poucos curiosos, como já tenho dito, quis somente particularizar estas mais notáveis, e passar com silêncio por todas as outras, de que se deve fazer menos caso.

CAPÍTULO VIII

De alguns peixes notáveis, baleias e âmbar que há nestas partes

É tão grande a cópia do saboroso e sadio pescado que se mata, assim no mar alto, como nos rios e baías desta Província de que geralmente os moradores são participantes em todas as Capitanias, que está só fertilidade bastaria a sustentá-las abundantissimamente, ainda que não houvera carnes nem outro gênero de caça na terra de que se proveram como atrás fica declarado.

E deixando a parte a muita variedade daqueles peixes que comumente não diferem na semelhança dos de cá, tratarei logo em especial de um certo gênero deles que há nestas partes, a que chamam peixes-boi, os quais são tão grandes que os maiores pesam quarenta, cinquenta arrobas. Tem o focinho como o de boi e dois cotos com que nadam a maneira de braços.

As fêmeas têm duas tetas, com o leite das quais se criam os filhos. O rabo é largo, rombo, e não muito comprido: não tem feição de nenhum peixe, somente na pele quer se parecer com toninha. Estes peixes pela maior parte se acham em alguns rios, ou baías desta costa, principalmente onde há algum ribeiro, ou regato

se mete na água salgada são mais certos: porque botam o focinho fora e pastam as ervas que se criam em semelhantes partes, e também comem as folhas de umas árvores a que chamam Mangues, de que há grande quantidade ao longo dos mesmos rios.

Os moradores da terra os matam com arpões, também em pesqueiros costumam tomar alguns porque vem com a enchente da maré aos tais lugares, e com a vazante se tomam a ir para o mar donde vieram.

Este peixe é muito gostoso em grande maneira, e totalmente parece carne, assim na semelhança, como no sabor, e assado não tem nenhuma diferença de lombo de porco. Também se coze com couves e guisa-se como carne, e assim não há pessoa que o coma que o julgue por peixe, salvo se o conhecer primeiro.

Outros peixes há a que chamam Camboropins que são quase tamanhos como atuns. Estes têm umas escamas mui duras e maiores que os outros peixes; também se matam com arpões, e quando querem pescá-los põem-se em alguma ponta ou pedra ou em outro qualquer posto acomodado a esta pescaria.

E o que é bom pescador, para que não faça tiro em vão, quando os vê vir deixa-os primeiro passar, e espera até que fiquem a jeito que possa arpoá-los por de trás, de maneira que o arpão entre no peixe sem as escamas impedirem, por que são, como digo, tão duras que se acerta a dar nelas de maravilha as pode penetrar.

Este é um dos melhores peixes que há nestas partes, porque além de ser muito gostoso, é também muito sadio, e mais enxuto de sua propriedade que outro algum que na terra se coma.

Também há outra casta deles, a que chamam Tamoatás, que são pouco mais ou menos do tamanho de sardinhas, e não se criam senão em água doce. Estes peixes são todos cobertos de umas conchas distintas naturalmente como lâminas, com as quais andam armados da maneira dos Tatus, de que atrás fiz menção, e são muito saborosos, e os moradores da terra os têm em muita estima.

Há também um certo gênero de peixes pequeninos da feição de xarrocos, a que chamam Baiacus : os quais são mui peçonhentos por extremo, especialmente a pele o é tanto, que se uma pessoa gostar um só bocado dela, logo naquela mesma hora dará fim a sua vida, porque não há nem se sabe nenhum remédio na terra que possa apagar nem deter por algum espaço o ímpeto deste mortífero veneno.

Alguns índios da terra se aventuram a comê-los depois que lhe tiram a pele e lhe lançam fora por baixo toda aquela parte onde dizem que tem a força da peçonha. Mas sem embargo disso, não deixam de morrer algumas vezes.

Estes peixes tanto que saem fora da água incham de maneira, que parecem uma bexiga cheia de vento; e além de terem esta qualidade são tão mansos que os podem matar as mãos sem nenhum trabalho; e muitas vezes andam a borda da água tão quietos, que não os verá pessoa que se não convide a tomá-los, e ainda a comê-los se não tiver conhecimento deles.

Outros peixes, não sinto, nestas partes, de que possa fazer aqui particular menção: em todos os demais, não há como digo, muita diferença dos de cá, e a maior parte deles são da mesma casta, mas muito mais saborosos, e tão sadios que não se vedam nem fazem mal aos doentes, e para quaisquer enfermidades são muito leves, e de toda maneira que os comam não ofendem a saúde.

Não me pareceu também cousa fora de propósito tratar aqui alguma cousa das baleias e do âmbar, que dizem que procede delas. E o que acerca disto sei, que há muitas nestas partes, as quais costumam vir d'arribação a esta costa, em uns tempos mais que outros, que são aqueles em que assinaladamente sai o âmbar que o mar de si lança fora em diversas partes desta Província, e daqui vem a muitos teimem para si que não é outra cousa este âmbar, senão esterco de baleias e assim lho chamam os índios da terra pela sua língua, sem lhe saberem outro nome.

Outros querem dizer que é sem nenhuma falta o esperma da mesma baleia. Mas o que se tem por certo

(deixando estas e outras erradias opiniões a parte) é que nasce este licor no fundo do mar, não geralmente em todo, mas em algumas partes dele, que a natureza acha dispostas para o criar. E como o tal licor seja manjar das baleias, afirma-se que comem tanto dele até se embebedarem, e que este que sai nas praias é o sobejo que elas arremessam.

E se isto assim não fora desta maneira e ele procedera das mesmas baleias por qualquer das outras vias que acima fica dito, de crer é, que também o houvera da mesma maneira em qualquer outra costa destes Reinos, pois em toda parte do mar são gerais.

Quanto mais que nesta Província de que trato se fez já experiência em muitas delas que saíram a costa e dentro das tripas de algumas acharam muito âmbar cuja virtude iam já digerindo, por haver algum espaço que o tinham comido. E noutras lhe acharam no bucho outro ainda fresco, e em sua perfeição, que parecem que o acabaram de comer naquela hora antes que morressem.

Pois o esterco naquela parte onde a natureza o despede não tem nenhuma semelhança de âmbar, nem se enxerga nele ser menos digesto que o dos outros animais. Por onde se mostra claro, que a primeira opinião não fica verdadeira, nem a segunda, tão pouco o pode ser: porque o esperma destas baleias, é aquilo a que chamam balso, de que há por esse mar grande

quantidade, o qual dizem que aproveita para feridas e por tal é conhecido de toda pessoa que navega.

Este âmbar todo quando logo sai vem solto como sabão, e quase sem nenhum cheiro, mas daí a poucos dias se endurece, e depois disso fica tão odorífero como todos sabemos.

Há, todavia âmbar de duas castas, a saber, um pardo, a que chamam gris, outro preto: o pardo é mui fino e estimado em grande preço em todas as partes do mundo: o preto é mais baixo nos quilates do cheiro, e presta para muito pouco segundo o que dele se tem alcançado: mas de um e doutro há saído muito nesta Província e sai hoje em dia, de que alguns moradores enriqueceram e enriquecem cada homem como é notório.

Finalmente que como Deus tenha de muito longe esta terra dedicada á Cristandade e o interesse seja o que mais leva os homens trás si que outra nenhuma cousa que haja na vida, parece manifesto querer entretê-los na terra com esta riqueza do mar até chegarem a descobrir aquelas grandes minas que a mesma terra promete, para que assim desta maneira tragam ainda toda aquela cega e bárbara gente que habita nestas partes, ao lume e conhecimento da nossa Santa Fé Católica, que será descobrir-lhe outras minas maiores no céu, o qual nosso Senhor permita que assim seja para glória sua e salvação de tantas almas.

CAPÍTULO IX

Do monstro marinho que se matou na Capitania de São Vicente, ano 1564

Foi cousa tão nova e tão desusada aos olhos humanos a semelhança daquele fero e espantoso monstro marinho que nesta Província se matou no ano de 1564, que ainda que por muitas partes do mundo se tenha já notícia dele, não deixarei, todavia de a dar aqui outra vez de novo, relatando por extenso tudo o que acerca disto passou; porque na verdade a maior parte dos retratos ou quase todos em que querem mostrar a semelhança de seu horrendo aspecto, andam errados, e além disso, conta-se o sucesso de sua morte por diferentes maneiras, sendo a verdade uma só, a qual é a seguinte:

Na Capitania de São Vicente sendo já alta noite a horas em que todos começavam se entregar ao sono, acertou de sair fora de casa uma índia escrava do capitão; a qual lançando os olhos a uma várzea que está pegada com o mar, e com a povoação da mesma Capitania, viu andar nela este monstro, movendo-se de uma parte para outra com passos e meneios desusados.

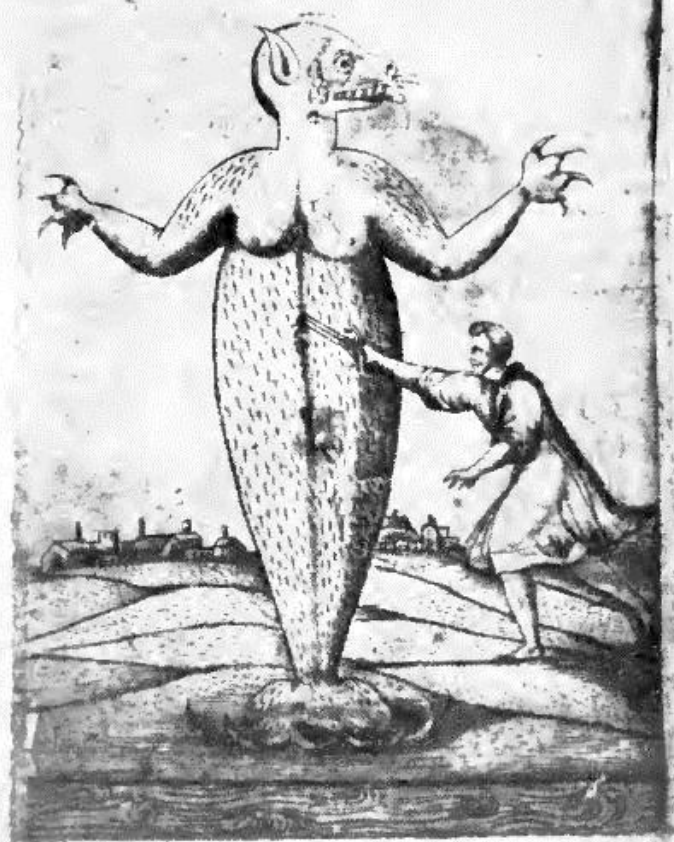
Dando alguns urros de quando em quando tão feios, que como pasmada e quase fora de si se veio ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Baltazar Ferreira, e lhe

deu conta do que vira, parecendo-lhe que era alguma visão diabólica; mas como ele fosse não menos sisudo que esforçado, e esta gente da terra seja digna de pouco crédito, não lhe deu logo muito às suas palavras, e deixando-se estar na cama, a tomou outra vez a mandar fora dizendo-lhe que se afirmasse bom no que era.

E obedecendo a índia a seu mandado, foi; e tornou mais espantada, afirmando-lhe e repetindo-lhe uma vez e outra que andava ali uma cousa tão feia, que não podia ser senão o demônio.

Então se levantou ele mui depressa e lançou mão a uma espada que tinha junto de si com a qual botou somente em camisa pela porta fora, tendo para si (quando muito) que seria algum tigre ou outro animal da terra conhecido, com a vista do qual se desenganasse do que a índia lhe queria persuadir.

Pondo os olhos naquela parte que ela lhe assinalou viu confusamente o vulto do monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lhe impedir, e o monstro também ser cousa não vista e fora do parecer de todos os outros animais.

E chegando-se um pouco mais a ele, para que melhor se pudesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro: o qual em levantando a cabeça, tanto que o viu começou de caminhar para o mar donde viera.

O monstro que se matou na Capitania de S. Vicente em 1564
(desenho de Pero de Magalhães Gandavo,
gravura da 1.ª edição da Historia de Santa Cruz de 1576)

Nisto reconheceu o mancebo que era aquilo cousa do mar e antes que nele se metesse, acudiu com muita presteza a tomar-lhe a dianteira., e vendo o monstro que ele lhe embargava o caminho, levantou-se direito para cima como um homem ficando sobre as barbatanas do rabo, e estando assim a par com ele, deu-lhe uma estocada pela barriga, e dando-lhe no mesmo instante se desviou para uma parte com tanta velocidade, que não pôde o monstro levá-lo debaixo de si.

Porém não pouco afrontado, porque o grande torno de sangue que saiu da ferida lhe deu no rosto com tanta força que quase ficou sem nenhuma vista, e tanto que o monstro se lançou em terra, deixando o caminho que levava, e assim ferido urrando com a boca aberta sem nenhum medo, remeteu a ele, e indo para o tragar a unhas, e a dentes, deu-lhe na cabeça uma cutilada mui grande, com a qual ficou já mui débil, e deixando sua vã porfia tomou então a caminhar outra vez para o mar.

Neste tempo acudiram alguns escravos aos gritos da índia que estava em vela, e chegando a ele, o tomaram todos já quase morto e dali o levaram a povoação onde esteve o dia seguinte a vista de toda a gente da terra.

E com este mancebo se haver mostrado neste caso tamanhoso como se mostrou, e ser tido na terra como muito esforçado saiu todavia desta batalha tão sem alento e com a visão deste medonho animal ficou tão perturbado e suspenso, que perguntando-lhe o pai, que era o que lhe havia sucedido não lhe pôde responder, e

assim como assombrado sem falar cousa alguma por um grande espaço.

Era quinze palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas mui grandes como bigodes. Os índios da terra lhe chamam em sua língua *Hipupiàra*, que quer dizer demônio d'água.

Alguns como este se viram já nestas partes, mas acham-se raramente. E assim também deve de haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abismo desse largo e espantoso mar se escondem, de não menos estranheza e admiração; e tudo se pode crer, por difícil que pareça, porque os segredos da natureza não foram revelados todos ao homem, para que com razão possa negar, e ter por impossível as cousas que não viu nem de que nunca teve notícia.

CAPÍTULO X

Do Gentio que ha nesta Província, da condição e costumes dele, e de como se governam na paz

Já que tratamos da terra e das cousas que nelas foram criadas para o homem, razão parece que demos aqui notícia dos naturais dela: a qual posto que não seja de todos em geral será especialmente daqueles que habitam pela costa, e em partes pelo sertão adentro muitas léguas, com que temos comunicação.

Os quais ainda que estejam divisos, e haja entre eles diversos nomes de nações, todavia na semelhança, condição, costumes, e ritos gentílicos, todos são uns; e se nalguma maneira diferem nesta parte, é tão pouco, que se não pode fazer caso disso, nem particularizar cousas semelhantes entre outras mais notáveis, que todos geralmente seguem, como logo adiante direi.

Estes índios são de cor baça, e cabelo corredio; tem o rosto amassado, e algumas feições dele a maneira de Chineses. Pela maior parte são bem dispostos, rijos e de boa estatura; gente mui esforçada, e que estima pouco morrer, temerária na guerra, e de muito pouca consideração: são desagradecidos em grande maneira, e

mui desumanos e cruéis, inclinados a pelejar, e vingativos por extremo.

Vivem todos mui descansados sem terem outros pensamentos senão de comer, beber, e matar gente, e por isso engordam muito, mas com qualquer desgosto pelo conseguinte tornam a emagrecer, e muitas vezes pode deles tanto a imaginação que se algum deseja a morte, ou se alguém lhe mete em cabeça que há de morrer tal dia ou tal noite não passa daquele termo que não morra.

São mui inconstantes e mudáveis: creem de ligeiro tudo aquilo que lhes persuadem por dificultoso e impossível que seja, e com qualquer dissuasão facilmente o tornam logo a negar. São mui desonestos e dados a sensualidade, e assim se entregam aos vícios como se neles não houvera razão de homens: ainda que todavia em seu ajuntamento os machos com as fêmeas tem o devido resguardo e nisto mostram ter alguma vergonha.

A língua de que usam, toda pela costa, é uma, ainda que em certos vocábulos difere n'algumas partes; mas não de maneira que se deixem uns aos outros de entender: e isto até altura de vinte e sete graus, que daí por diante há outra gentilidade, de que nós não temos tanta notícia, que falam já outra língua diferente.

Esta de que trato, que é geral pela costa, é mui branda, e a qualquer nação fácil de tomar. Alguns vocábulos há nela de que não usam senão as fêmeas, e outros que não

servem senão para os machos: carece de três letras, convém a saber não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem além disto conta, nem peso, nem medida.

Não adoram a cousa alguma, nem tem para si que há depois da morte glória para os bons e pena para os maus, e o que sentem da imortalidade d'alma, não é mais que terem para si que seus defuntos andam, na outra vida feridos, despedaçados, ou de qualquer maneira que acabaram nesta.

E quando algum morre, costumam enterrá-lo em uma cova assentado sobre os pés com sua rede às costas que em vida lhe servia de cama. E logo pelos primeiros dias põem-lhe seus parentes de comer em cima da cova e também alguns lhe costumam meter dentro quando o enterram, e totalmente cuidam que comem e dormem na rede que tem consigo na mesma cova.

Esta gente não tem entre si nenhum Rei, nem outro governo de justiça, senão um principal em cada aldeia, que é como capitão, ao qual obedecem por vontade, e não por força.

Quando este morre, fica seu filho no mesmo lugar por sucessão, e não serve doutra cousa senão de ir com eles a guerra, e aconselhá-los como se hão de haver na peleja; mas não castiga seus erros nem manda sobre eles cousa alguma contra suas vontades.

E assim a guerra que agora tem uns contra outros não se levantou na terra por serem diferentes em Leis nem em costumes, nem por cobiça alguma de interesse: mas porque antigamente se algum acertava de matar outro, como ainda agora algumas vezes acontece (como eles sejam vingativos e vivam como digo absolutamente sem terem Superior algum a que obedeçam nem temam) os parentes do morto se conjuravam contra o matador e sua geração e se perseguiam com tão mortal ódio uns aos outros que daqui veio dividirem-se em diversos bandos, e ficarem inimigos da maneira que agora estão.

E porque estas dissenções não fossem tanto por diante, determinaram atalhar a isto, usando do remédio seguinte, para por esta via se poderem melhor conservar na paz e se fazerem mais fortes contra seus inimigos. E é que quando tal caso acontece de um matar a outro, os mesmos parentes do matador fazem justiça dele e logo à vista de todos o afogam. E com isto os da parte do morto ficam satisfeitos e uns e outros permanecem em suas amizades como dantes.

Porém como esta Lei seja voluntária e executada sem rigor nem obrigação de justiça alguma, não querem alguns estar por ela, e daqui vem logo pelo mesmo caso a dividirem-se, e levantarem-se de parte a parte uns contra os outros como já disse.

As povoações destes índios são aldeias: cada uma delas tem sete oito casas as quais são mui compridas feitas á

maneira de cordoarias ou tarracenas fabricadas somente de madeira e cobertas com palma ou com outras ervas do mato semelhantes; estão todas cheias de gente de uma parte e doutra, e cada um por si tem sua instância, e sua rede armada, em que dorme e assim estão uns juntos dos outros por ordem; e pelo meio da casa fica um caminho aberto por onde todos se servem como dormitório, ou coxia de galé.

Em cada casa destas vivem todos muito conformes, sem haver nunca entre eles nenhumas diferenças: antes são tão amigos uns dos outros, que o que é de um é de todos, e sempre de qualquer cousa que um coma por pequena que seja, todo os circunstantes hão de participar dela.

Quando alguém os vai visitar a suas aldeias depois que se assenta costumam chegarem-se a ele algumas moças escabeladas, e recebem-no com grande pranto derramando muitas lágrimas perguntando-lhe (se é seu natural) onde andou, que trabalhos foram os que passou depois que daí se foi.

Trazendo-lhe a memória muitos desastres que lhe puderam acontecer buscando enfim para isto as mais tristes e sentidas palavras que podem achar para provocarem o choro. E se é Português, maldizem a pouca dita de seus defuntos, pois foram tão mal afortunados que não alcançaram ver gente tão valorosa e luzida, como são os Portugueses, de cuja terra todas as boas cousas lhes vem nomeando algumas que eles tem em muita estima.

E este recebimento que digo é tão usado entre eles, que nunca ou de maravilha deixam de o fazer, salvo quando reinam alguma malícia contra os que os vão visitar, e lhes querem fazer alguma traição.

As invenções e galantarias de que usam são trazerem alguns o beiço de baixo furado, e uma pedra comprida metida dentro do buraco. Outros há que trazem o rosto todo cheio de buracos e de pedras, e assim parecem mui feios e disformes; e isto lhes fazem enquanto são meninos.

Também costumam todos arrancarem a barba, e não consentem nenhum cabelo em parte alguma de seu corpo salvo na cabeça, ainda que em redor dela por baixo tudo arranquem. As fêmeas prezam-se muito de seus cabelos e trazem-nos mui compridos, limpos e penteados, o as mais delas enastrados.

E assim também machos como fêmeas costumam tingir-se algumas vezes com o sumo de um certo pomo que se chama jenipapo que é verde quando se pisa e depois que o põem no corpo e se enxuga, fica mui negro e por muito que se lave não se tira senão aos nove dias.

As mulheres com que os costumam casar são suas sobrinhas, filhas de seus irmãos ou irmãs: estas têm por legítimas, e verdadeiras mulheres, e não lhes podem negar seus pais, nem outra pessoa alguma pode casar com elas, senão os tios.

Não fazem nenhumas cerimônias em seus casamentos, nem usam de mais neste ato que de levar cada um sua mulher para si como chega a uma certa idade, porque esperam que serão então de quatorze ou quinze anos pouco mais ou menos.

Alguns deles têm três ou quatro mulheres; a primeira tem em muita estima e fazem mais caso que das outras. E isto pela maior parte se acha nos principais que o tem por estado e por honra e prezam-se muito de se diferençar nisto dos outros.

Algumas índias há que também entre eles determinam de ser castas, as quais não conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios, como se não fossem fêmeas.

Trazem os cabelos cortados da mesma maneira que os machos, e vão a guerra com seus arcos e flechas, e a caça perseverando sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve, com quem diz que é casada, e assim se comunicam e conversam como marido e mulher.

Todas as outras índias quando parem, a primeira cousa que fazem depois do parto, lavam-se todas em uma ribeira, e ficam tão bem dispostas, como se não pariram, e o mesmo fazem a criança que parem. Em lugar delas

se deitam seus maridos nas redes e assim os visitam e curam como se eles fossem as mesmas paridas. Isto nasce de elas terem em muita conta os pais de seus filhos, e desejarem em extremo depois que parem deles de em tudo lhes comprazer.

Todos criam seus filhos viciosamente, sem nenhuma maneira de castigo, e mamam até a idade de sete oito anos, se as mães até então não acertam de parir outros que os tirem das vezes.

Não há entre eles nenhumas boas artes a que se dão, nem se ocupam noutro exercício senão em granjear com seus pais o que hão de comer, debaixo de cujo amparo estão agasalhados até que cada um por si é capaz de buscar sua vida sem mais esperarem heranças deles nem legítimas de que enriqueçam, somente lhe pagam com aquela criação em que a natureza foi universal a todos os outros animais que não participam de razão.

Mas a vida que buscam e granjearia de que todos vivem, é a custa de pouco trabalho, e muito mais descansada que a nossa: porque não possuem nenhuma fazenda, nem procuram adquiri-la como os outros homens, e assim vivem livres de toda a cobiça e desejo desordenado de riquezas, de que as outras nações não carecem; e tanto que ouro nem prata nem pedras preciosas tem entre eles nenhuma valia, nem para seu uso tem necessidade de nenhuma cousa destas, nem doutras semelhantes.

Todos andam nus e descalços assim machos como fêmeas, e não cobrem parte alguma de seu corpo. As camas em que dormem são umas redes de fio de algodão que as índias tecem num tear feito á sua arte; as quais tem nove, dez palmos de comprido, e apanham-nas com uns cordéis que lhe rematam nos cabos, em que lhes fazem umas aselhas de cada banda por onde as penduram de uma parte e doutra, e assim ficam dois palmos pouco mais ou menos suspendidas do chão de maneira que lhes possam fazer fogo debaixo para se aquentarem de noite ou quando lhes for necessário.

Os mantimentos que plantam em suas roças, com que se sustentam são aqueles de que atrás fiz menção. São mandioca e milho zaburro. Além disto ajudam-se da carne de muitos animais que matam, assim com flechas como por indústria de seus laços e fojos onde costumam caçar a maior parte deles.

Também se sustentam do muito marisco e peixes que vão pescar pela costa em jangadas, que são uns três ou quatro paus pegados nos outros e juntos de modo que ficam a maneira dos dedos da mão estendida, sobre os quais podem ir duas ou três pessoas ou mais se mais forem os paus porque são mui leves e sofrem muito peso em cima d'água. Tem quatorze ou quinze palmos de comprimento, e de grossura em redor ocupa dois pouco mais ou menos.

Desta maneira vivem todos estes índios sem mais terem outras fazendas entre si, nem granjearias em que se

desvelam, nem tão pouco estados nem opiniões de honra, nem pompas para que as hajam mister: porque todos, como digo, são, e em tudo tão conformes nas condições, que ainda nesta parte vivem justamente, e conforme à lei da natureza.

CAPÍTULO XI

Das guerras que tem uns com outros e a maneira com que se hão nelas

Estes índios têm sempre grandes guerras uns contra outros e assim nunca se acha neles paz nem será possível, segundo são vingativos, e odiosos, vedarem-se entre eles estas discórdias por outra nenhuma via, se não for por meios da doutrina cristã, com que os Padres da Companhia pouco a pouco os vão amansando como adiante direi.

As armas com pelejam são arcos e flechas nas quais andam tão exercitados que de maravilha erram a cousa a que apontem, por difícil que seja de acertar. E no despedir delas são mui ligeiros em extremo, e sobre tudo mui arriscados nos perigos, e atrevidos em grande maneira contra seus adversários.

Quando vão a guerra sempre lhes parece que tem certa a vitória e que nenhum de sua companhia há de morrer, e assim em partindo dizem, vamos matar, sem mais outro discurso, nem consideração, e não cuidam que também podem ser vencidos.

E somente com esta sede de vingança sem esperanças de despojos, nem doutro algum interesse que a isso os mova, vão muitas vezes buscar seus inimigos mui longe caminhando por serras, matos desertos e caminhos mui ásperos. Outros costumam ir por mar, de umas terras para outras em umas embarcações a que chamam Canoas, quando querem fazer alguns saltos ao longo da costa. Estas canoas são feitas a maneira de lançadeiras de tear, de um só pau em cada uma das quais vão vinte trinta remeiros.

Além destas há outras que são da casca de um pau do mesmo tamanho, que se acomodam muito as ondas e são mui ligeiras, ainda que menos seguras; porque se se alagam vão-se ao fundo, o que não tem as de pau que de qualquer maneira sempre andam em cima da água. E quando acontece alagar-se alguma, os mesmos índios se lançam ao mar e a sustentam até que a acabam d'esgotar, e outra vez se embarcam nela e tornam a fazer sua viagem.

Todos em seus combates são mui determinados, e pelejam mui animosamente sem nenhumas defensivas; e assim parece cousa estranha ver dois, três mil homens nus de parte a parte flechar uns aos outros com grandes assovios e grita, meneando-se todos com grande ligeireza de uma parte para outra, para que não possam os inimigos apontar nem fazer tiro em pessoa certa.

Porém pelejam desordenadamente e desmandam-se muito uns e outros em semelhantes brigas, porque não tem Capitão que os governe, nem outros oficiais de guerra a quem hajam de obedecer nos tais tempos; mas ainda que desta ordenança careçam, todavia por outra parte dão-se a grande manha em seus cometimentos, e são mui cautos no escolher do tempo em que hão de fazer seus assaltos nas aldeias dos inimigos, sobre os quais costumam dar de noite a hora em que os achem mais descuidados.

E quando acontece não poderem logo entrá-los por alguma cerca de madeira a lhes ser impedimento que eles tem em redor da aldeia para sua defensa, fazem outra semelhante algum tanto separada da mesma aldeia e assim a vão chegando cada noite dez doze passos, até que um dia amanhece pegada com a dos contrários, onde muitas vezes se acham tão vizinhos que vem a quebrar as cabeças com paus que arremessam uns aos outros.

Mas pela maior parte os que estão na aldeia ficam melhorados da peleja, e as mais das vezes se tornam os cometedores desbaratados para suas terras sem conseguirem vitória, nem triunfarem de seus inimigos, como pretendiam; e isto assim por não terem armas defensivas nem outros apercebimentos necessários para se entreterem nos cercos, e fortificarem contra, seus inimigos, como também por seguirem muitos agouros, e qualquer cousa que se lhes antolha é bastante para a retirá-los de seu intento e tão inconstantes e

pusilânimes são nesta parte, que muitas vezes com partirem de suas terras mui determinados, e desejosos de exercitarem sua crueldade, se acontece encontrar uma certa ave, ou qualquer outra cousa semelhante, que eles tenham por ruim prognóstico, não vão mais por diante com sua determinação, e dali consultam tornar-se outra vez, sem haver algum da companhia que seja contra este parecer.

Assim que com qualquer abusam destas, a todo o tempo se abalam mui facilmente, ainda que estejam mui perto de alcançar vitória, porque já aconteceu terem uma aldeia quase rendida e por um papagaio que havia nela falar umas certas palavras que eles lhe tinham ensinado, levantaram o cerco, e fugiram sem esperarem o bom sucesso que o tempo lhes prometia, crendo sem duvida, que se assim o não fizeram morrerão todos a mãos de seus inimigos.

Mas fora desta pusilanimidade a que estão sujeitos, são mui atrevidos, como digo, e tão confiados em sua valentia, que não há forças de contrários tão poderosas que os assombrem, nem que os façam desviar de suas bárbaras e vingativas tenções.

A este propósito contarei alguns casos notáveis que aconteceram entre eles, deixando outros muitos a parte, de que eu poderia fazer um grande volume se minha intenção fora escrevê-los em particular como cada um dos seguintes.

Na Capitania de São Vicente sendo Capitão Jorge Ferreira aconteceu darem os contrários em uma aldeia que estava não mui longe dos Portugueses e neste assalto matarem um filho do principal da mesma aldeia. E porque ele era benquisto e amado de todos não havia pessoa nela que não pranteasse, mostrando com lágrimas e palavras magoadas o sentimento de sua morte.

Mas o Pai como corrido e afrontado de não haver ainda neste caso tomado vingança, pediu a todos com eficácia que se o amavam dissimulassem a perda de seu filho, e que por nenhuma via o quisessem chorar.

Passados três ou quatro meses, depois da morte do filho, mandou aperceber sua gente como convinha, por lhe parecer aquele tempo mais favorável e acomodado a seu propósito, o que todos logo puseram em efeito.

E dali a poucos dias deram consigo na terra dos contrários, que seria distância de três jornadas pouco mais ou menos, onde fizeram suas ciladas junto da aldeia em parte que mais pudessem ofender a seus inimigos; e tanto que anoiteceu o mesmo principal se apartou da companhia com dez ou doze flecheiros escolhidos de que ele mais se confiava, e com eles entrou na mesma aldeia dos inimigos, que o haviam ofendido, e deixando-os a porta, só, sem outra pessoa o seguir, começou de rodear uma casa e outra, espreitando com muita cautela, de maneira que não fosse sentido, e da prática que eles tinham uns com

outros veio a conhecer pela notícia do nome qual era, e onde estava o que havia morto seu filho, e para se acabar de satisfazer, chegou-se da banda de fora a sua estância, e como foi bem certificado de ele ser aquele, deixou-se ali estar lançado em terra esperando que se aquietasse a gente, e tanto que viu horas acomodadas para fazer a sua, rompeu a palma mui mansamente de que a casa estava coberta, e entrando foi-se direto ao matador, ao qual cortou logo a cabeça em breve espaço com um cutelo, que para isso levava.

Feito isto tomou-a nas mãos e saiu fora a seu salvo, os inimigos que neste tempo acordaram ao reboliço e estrondo do morto conhecendo serem contrários, começaram de os seguir. Mas como seus companheiros que ele havia deixado em guarda estavam prontos ao sair da casa, mataram muitos deles, e assim se foram defendendo até chegarem as ciladas donde todos saíram com ímpeto contra os que os seguiam e ali mataram muitos mais.

E com esta vitória se vieram recolhendo para sua terra com muito prazer e contentamento. E o principal que consigo trazia a cabeça do inimigo chegando a sua aldeia a primeira cousa que fez foi-se ao meio do terreiro da aldeia, e ali fixou num pau a vista de todos dizendo estas palavras: agora companheiros e amigos meus que eu tenho vingado a morte de meu filho, e trazida a cabeça de quem o matou diante vossos olhos, vos dou licença que o choreis muito embora, que dantes com mais razão me podereis a mim chorar, enquanto

vos parecia que por algum descuido dilatava esta vingança, ou que por ventura esquecido de tão grande ofensa já não pretendia tomá-la, sendo eu aquele a quem mais devia tocar o sentimento de sua morte. Dali por diante foi sempre este principal mui temido e ficou seu nome afamado por toda aquela terra.

Outro caso de não menos admiração aconteceu entre porto Seguro e o Espírito Santo, naquelas guerras onde mataram Fernão de Sá, filho de Mem de Sá, que então era Governador Geral destas partes.

E foi que tendo os Portugueses rendido uma aldeia com favor dalguns índios nossos amigos, que tinham de sua parte, chegaram a uma casa para fazerem presa aos inimigos, como já tinham feito em cada uma das outras.

Mas eles deliberados a morrer, não consentiam que nenhum entrasse dentro: e os de fora vendo sua determinação, e que por nenhuma via se queriam entregar, disseram-lhes que se logo a hora o não faziam, lhes haviam de pôr fogo a casa sem nenhuma remissão.

E vendo os nossos que com eles não aproveitava este desengano, antes se punham de dentro em determinação de matar quantos pudessem, lhes puseram fogo: e estando a casa assim ardendo o principal deles vendo que já não tinham nenhum remédio de salvação nem de vingança e que todos começavam de arder, remete o de dentro com grande fúria a outro principal dos contrários, que passava por

defronte da porta da banda de fora e de tal maneira o abarcou que sem se poder livrar de suas mãos, o meteu-o consigo em casa, e no mesmo instante se lançou com ele na fogueira, onde arderam ambos com os mais que lá estavam, sem escapar nenhum.

Neste mesmo tempo e lugar, deu um Português uma tão grande cutilada a um índio, que quase o cortou pelo meio: o qual caindo no chão já como morto antes que acabasse de expirar lançou a mão a uma palha que achou diante de si, e atirou com ela ao que o matara, como que dissesse recebe-me a vontade, que te não posso mais fazer que isto que te faço em sinal de vingança, donde verdadeiramente se pode inferir que outra nenhuma cousa os atormenta mais na hora da sua morte que a mágoa que levam de se não poderem vingar de seus inimigos.

CAPÍTULO XII

Da morte que dão aos cativos e crueldades que usam com eles

Uma das cousas em que estes índios mais repugnam o ser da natureza humana, e em que totalmente parece que se extremam dos outros homens, é nas grandes e excessivas crueldades que executam em qualquer pessoa que podem haver as mãos, como não seja de seu rebanho.

Porque não tão somente lhe dão cruel morte em tempo que mais livres e desimpedidos estão de toda a paixão; mas ainda depois disso, por se acabarem de satisfazer lhe comem todos a carne usando nesta parte de cruezas tão diabólicas, que ainda nelas excedem aos brutos animais que não tem uso de razão nem foram nascidos para obrar clemência.

Primeiramente quando tomam algum contrário se logo naquele flagrante o não matam levam-no a suas terras para que mais a seu sabor se possam todos vingar dele. E tanto que a gente da aldeia tem notícia que eles trazem o tal cativo, daí lhe vão fazendo um caminho até

obra de meia légua pouco mais ou menos onde o esperam.

Ao qual em chegando recebem todos com grandes afrontas e vitupérios tangendo-lhe umas flautas que costumam fazer das canas das pernas doutros contrários semelhantes que matam da mesma maneira.

E como entram na aldeia depois de assim andarem com ele triunfando de uma parte para outra lançam-lhe ao pescoço uma corda de algodão que para isso tem feita, a qual é mui grossa, quanto naquela parte que o abrange, e tecida ou enlaçada de maneira que ninguém a pode abrir nem cerrar se não é o mesmo oficial que a faz.

Esta corda tem duas pontas compridas por onde o atam de noite para não fugir. Dali o metem numa casa, e junto da estância daquele que o cativou lhe armam uma rede, e tanto que nela se lança cessam todos os agravos sem haver mais pessoa que lhe faça nenhuma ofensa.

E a primeira cousa que logo lhe apresentam é uma moça, a mais formosa e honrada que há na aldeia, a qual lhe dão por mulher: e daí por diante ela tem cargo de lhe dar de comer e de o guardar, e assim não vai nunca para parte que o não acompanhe.

E depois de o terem desta maneira mui regalado um ano, ou o tempo que querem, determinam de o matar, e aqueles últimos dias antes de sua morte, por festejarem a execução desta vingança, aparelham muita louça

nova, e fazem muitos vinhos do sumo de uma planta que se chama aipim de que atrás fiz menção.

Neste mesmo tempo lhe ordenam uma casa nova onde o metem. E o dia que há de padecer pela manhã muito cedo antes que o sol saia, o tiram dela, e com grandes cantares e folias o levam a banhar a uma ribeira. E tanto que o tornam a trazer, vão-se com ele a um terreiro que está no meio da aldeia e ali lhe mudam aquela corda do pescoço a cinta passando-lhe uma ponta para traz outra para diante; e em cada uma delas pegados dois três índios.

As mãos lhe deixam soltas porque folgam de o ver defender com elas e ali lhe chegam uns pomos duros que tem entre si a maneira de laranjas com que possa tirar e ofender a quem quiser. E aquele que está deputado para o matar é um dos mais valentes e honrados da terra, a quem por favor e premência de honra concedem este ofício.

O qual se empena primeiro por todo o corpo com pena de papagaios e de outras aves de várias cores. E assim sai desta maneira com um índio que lhe traz a espada sobre um alguidar, a qual é de um pau mui duro e pesado feito a maneira de uma maça, ainda que na ponta tem alguma de pá; e chegando ao padecente a toma nas mãos e lhe passa por baixo das pernas e dos braços meneando-a de uma parte para outra.

Feitas estas cerimônias afasta-se algum tanto dele e começa de lhe fazer uma fala a modo de pregação, dizendo-lhe que se mostre mui esforçado em defender sua pessoa, para que o não desonre, nem digam que matou um homem fraco, efeminado, e de pouco ânimo, e que se lembre que dos valentes é morrerem daquela maneira, em mãos de seus inimigos, e não em suas redes como mulheres fracas, que não foram nascidas para com suas mortes ganharem semelhantes honras.

E se o padecente é homem animoso, e não está desmaiado naquele passo, como acontece a alguns, responde-lhe com muita soberba e ousadia que o mate muito embora, porque o mesmo tem ele feito a muitos seus parentes e amigos, porém que lhe lembre que assim como tomam de suas mortes vingança nele, que assim também os seus o hão de vingar como valentes homens e haverem-se ainda com ele e com toda a sua geração daquela mesma maneira.

Ditas estas palavras e outras semelhantes que eles costumam arengar nos tais tempos, remete o matador a ele com espada levantada nas mãos, em postura de o matar, e com ela o ameaça muitas vezes fingindo que lhe quer dar. O miserável padecente que sobre si vê a cruel espada entregue naquelas violentas e rigorosas mãos do capital inimigo com os olhos e sentidos prontos nela, em vão se defende quanto pode.

E andando assim nestes cometimentos acontece algumas vezes virem a braços, e o padecente tratar mal

ao matador com a mesma espada. Mas isto raramente, porque correm logo com muita presteza os circunstantes a livrá-lo de suas mãos. E tanto que o matador vê tempo oportuno, tal pancada lhe dá na cabeça, que logo lha faz em pedaços. Está uma índia velha preste com um cabaço grande na mão, e como ele cai acode muito depressa e meter-lha na cabeça para tomar nele os miolos e o sangue.

E como desta maneira o acabam de matar fazem-no em pedaços, e cada principal que aí se acha leva seu quinhão para convidar a gente de sua aldeia. Tudo enfim assam e cozem, e não fica dele cousa que não comam todos quantos há na terra, salvo aquele que o matou não come dele nada, e além disso manda-se sarjar por todo o corpo, porque tem por certo que logo morrerá se não derramar de si aquele sangue tanto que acaba de fazer seu ofício.

Algum braço, ou perna, ou outro qualquer pedaço de carne costumam assar no fumo, e mantê-lo guardado alguns meses, para depois quando o quiserem comer, fazerem novas festas, e com as mesmas cerimônias tornarem a renovar outra vez o gosto desta vingança, como no dia em que o mataram, e depois que assim chegam a comer a carne de seus contrários, ficam os ódios confirmados perpetuamente, porque sentem muito esta injúria, o por isso andam sempre a vingar-se uns dos outros, como já tenho dito.

E se a mulher que foi do cativo acerta de ficar prenhe, aquela criança que pare, depois de criada matam-na, e comem-na sem haver entre eles pessoa alguma que se compadeça de tão injusta morte.

Antes seus próprios avós, a quem mui devia chegar esta mágoa, são aqueles que com maior gosto o ajudam a comer, e dizem que como filho de seu pai se vingam dele, tendo para si que em tal caso não toma esta criatura nada da mãe, nem creem que aquela inimiga semente pode ter mistura com seu sangue.

E por este respeito, somente lhe dão esta mulher com que converse: porque na verdade são eles tais, que não se haveriam de todo ainda por vingados do pai se no inocente filho não executassem esta crueldade. Mas porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando se sente prenhe mata-a dentro da barriga e faz com que não venha à luz.

Também acontece algumas vezes afeiçoar-se tanto ao marido, que chega a fugir para sua terra para o livrar da morte. E assim alguns Portugueses desta maneira escaparam que ainda hoje em dia vivem.

Porém o que por esta via se não salva ou por outra qualquer manha oculta, será cousa impossível escapar de suas mãos com vida, porque não costumam dá-la a nenhum cativo, nem desistirem da vingança que esperam tomar dele por nenhuma riqueza do mundo, quer seja macho, quer fêmea, salvo se o principal, ou

outro qualquer da aldeia acerta de casar com alguma escrava sua contrária, como muitas vezes acontece, pelo mesmo caso fica libertada, e assentam em não pretenderem vingança dela, por comprazerem aquele que a tomou por mulher, mas tanto que morre de sua morte natural, por cumprirem as leis da sua crueldade, havendo que já nisto não ofendem ao marido costumam quebrar-lhe a cabeça, ainda que isto raras vezes, porque se tem filhos não deixam chegar ninguém a ela, e estão guardando seu corpo até que o deem a sepultura.

Outros índios doutra nação diferente, se acham nestas partes ainda que mais ferozes, e de menos razão que estes. Chamam-se Aimorés, os quais andam por esta costa como salteadores e habitam da Capitania dos Ilhéus até a de Porto Seguro, aonde vieram ter do sertão no ano de 55 pouco mais ou menos.

A causa de residirem nesta parte mais que nas outras, é por serem aqui as terras mais acomodadas a seu propósito, assim pelos grandes matos que tem onde sempre andam emboscados, como pela muita caça que há nelas que é seu principal mantimento de que se sustentam.

Estes Aimorés são mais alvos e de maior estatura que os outros índios da terra, com a língua dos quais não tem a destes nenhuma semelhança nem parentesco. Vivem todos entre os matos como brutos animais, sem terem povoações, nem casas em que se recolham. São mui forçosos em extremo e trazem uns arcos mui

compridos e grossos conformes a suas forças, e a flechas da mesma maneira.

Estes alarves tem feito muito dano nestas Capitanias depois que desceram a esta costa e mortos alguns Portugueses e escravos, porque são mui bárbaros, e toda a gente da terra lhes é odiosa: não pelejam em campo nem tem ânimo para isso; põem-se entre o mato junto de algum caminho, e tanto que alguém passa atiram-lhe ao coração ou a parte onde o matem, e não despedem flecha que não na empreguem.

As mulheres trazem uns paus grossos à maneira de maças, com que os ajudam a matar algumas pessoas quando se oferece ocasião. Até agora não se pode achar nenhum remédio para destruir esta pérfida gente, porque tanto que vem tempo oportuno fazem seus saltos, e logo se recolhem ao mato mui depressa, onde são tão ligeiros e manhosos, que quando cuidamos que vão fugindo ante quem os persegue, então ficam atrás escondidos atirando aos que passam descuidados: e desta maneira matam muita gente.

Pela qual razão todos quantos Portugueses e índios há na terra, os temem muito, e assim onde os há nenhum morador vai a sua fazenda por terra, que não leve consigo quinze vinte escravos de arcos e flechas para sua defesa.

O mais do tempo andam derramados por diversas partes, e quando se querem ajuntar assoviam como

pássaros, ou como bugios, de maneira que uns aos outros se entendem e conhecem, sem serem da outra gente conhecidos.

Não dão vida uma só hora a ninguém, porque são mui repentinos e acelerados no tomar de suas vinganças; e tanto que muitas vezes estando a pessoa viva, lhe cortam a carne, e lha estão assando e comendo à vista de seus olhos. São finalmente estes selvagens tão ásperos e cruéis, que não se pode com palavras encarecer sua dureza.

Alguns deles houve já os Portugueses as mãos: mas como sejam tão bravos e de condição tão esquiva nunca o puderam amansar, nem somente a nenhuma servidão como os outros índios da terra que não recusam como estes a sujeição do cativeiro.

Também há uns certos índios junto do rio do Maranhão da banda do Leste, em altura de dois graus pouco mais ou menos, que se chamam Tapuias, os quais dizem que são da mesma nação destes Aimorés ou pelo menos irmãos em armas, porque ainda que se encontrem, não ofendem uns a outros.

Esses tapuias não comem a carne de nenhuns contrários, antes são inimigos capitais daqueles que a costumam comer, e os perseguem com mortal ódio. Porém pelo contrário têm outro rito muito mais feio e diabólico, contra natureza, e digna de maior espanto.

E é que quando algum chega a estar doente de maneira que se desconfia de sua vida, seu pai, ou mãe, irmãos ou irmãs, ou quaisquer outros parentes mais chegados o acabam de matar com suas próprias mãos, havendo que usam assim com ele de mais piedade, que consentirem que a morte o esteja senhoreando e consumindo por termos tão vagarosos.

E o pior que é que depois disso o assam e cozem, e lhe comem toda a carne, e dizem que não hão de sofrer que cousa tão baixa e vil como é a terra lhes coma o corpo de quem eles tanto amam, o que pois é seu parente, e entre eles há tanta razão de amor, que sepultura mais honrada lhe podem dar que metê-lo dentro em si, e agasalhá-lo para sempre em suas entranhas.

E porque meu intento principal não foi tratar aqui se não daqueles índios que são gerais pela costa, com que Portugueses tem comunicação não me quis mais deter em particularizar alguns ritos desta, e doutras nações diferentes que há desta Província., por me parecer que seria temeridade e falta de consideração escrever em história tão verdadeira, cousas em que por ventura podia haver falsas informações pela pouca notícia que ainda temos da mais gentilidade que habita terra dentro.

CAPÍTULO XIII

Do fruto que fazem nestas partes os Padres da Companhia com sua doutrina

Por todas as Capitanias desta Província estão edificados Mosteiros dos Padres da Companhia de Jesus e feitas em algumas partes algumas Igrejas entre os índios que são de paz onde residem alguns Padres para os doutrinar e fazer Cristãos: o que todos aceitam facilmente sem contradição alguma porque como eles não tenham nenhuma Lei nem cousa entre si a que adorem, é-lhes muito fácil tomar esta nossa.

E assim também com a mesma facilidade, por qualquer cousa leve a tornam a deixar, e muitos fogem para o sertão, depois de batizados e instruídos na doutrina cristã; e porque os Padres vem a inconstância que há neles, e a pouca capacidade que tem para observarem os mandamentos da Lei de Deus, principalmente os mais antigos, que são aqueles em que menos frutifica a semente de sua doutrina, procuram em especial plantá-la em seus filhos, os quais levam de menos instruídos.

E desta maneira se tem esperança, mediante a divina graça, que pelo tempo adiante se vá edificando a Religião Cristã por toda esta Província, e que ainda

nela floresça universalmente a nossa Santa Fé Católica, como noutra qualquer da Cristandade.

E para que o fruto desta doutrina se não perdesse antes de cada vez fosse em mais crescimento, determinaram os mesmos Padres de atalhar todas as ocasiões que lhe podiam da nossa parte ser impedimento e causa de escândalo, e prejuízo as consciências dos moradores da terra.

Porque como estes índios cobiçam muito algumas cousas que vão deste Reino, convém a saber camisas, pelotes, ferramentas, e outras peças semelhantes vendiam-se a troco delas uns aos outros aos Portugueses: os quais a voltas disto salteavam quantos queriam, e faziam-lhes muitos agravos, sem ninguém lhes ir a mão.

Mas já agora não há esta desordem na terra, nem resgates como antes. Porque depois que os Padres viram a sem razão que com eles se usava, e pouco serviço de Deus que daqui se seguia, proveram neste negócio e vedaram, como digo, muitos saltos que faziam os mesmos Portugueses por esta costa, os quais encarregavam muito suas consciências com cativarem muitos índios contra direito', e moverem-lhes guerras injustas.

E para evitarem tudo isto, ordenaram os Padres, e fizeram com os Governadores e Capitães da terra que não houvessem mais resgates daquela maneira, nem

consentissem que fosse nenhum Português a suas aldeias sem licença do seu mesmo Capitão. E se algum faz o contrário, ou os agrava per qualquer via que seja ainda que vá com licença pelo mesmo caso é mui bem castigado conforme a sua culpa.

Além disto para que nesta parte haja mais desengano, quantos escravos agora vem novamente do sertão ou de umas Capitanias para outras, todos levam primeiro a alfandega e ali os examinam, e lhes fazem perguntas, quem os vendeu, ou como foram resgatados, porque ninguém os pode vender se não seus pais, se for ainda com extrema necessidade, ou aqueles que em justa guerra os cativam: e os que acham mal adquiridos põem-nos em sua liberdade. E desta maneira quantos índios se compram são bem resgatados, e os moradores da terra não deixam por isso de ir muito avante com suas fazendas.

Outros muitos benefícios e obras pias têm feito estes Padres e fazem hoje em dia nestas partes, a que com verdade se não pode negar muito louvor. E porque eles são tais que por si se apregoam pela terra, não me quis intrometer a tratá-las aqui mais por extenso: basta sabermos quão aprovadas são em toda parte suas obras por santas e boas, e que sua tenção não é outra se não dedicá-las a nosso Senhor, de quem somente esperam a gratificação e prêmio de suas virtudes.

CAPÍTULO XIV

Das grandes riquezas que se esperam da terra do Sertão

Esta Província Santa Cruz além de ser tão fértil como digo, e abastada de todo os mantimentos necessários para a vida do homem, é certo ser também mui rica, e haver nela muito ouro e pedraria, de que se têm grandes esperanças. E a maneira como isto se veio a denunciar e ter por cousa averiguada foi por via dos índios da terra.

Os quais como não tenham fazendas que os detenham em suas pátrias, e seu intento não seja outro se não buscar sempre terras novas, a fim de lhes parecer que acharão nelas imortalidade e descanso perpétuo, aconteceu levantarem-se uns poucos de suas terras, e meterem-se pelo sertão adentro: onde depois de terem entrado algumas jornadas, foram dar com outros índios seus contrários, o ali tiveram com eles grande guerra.

E por serem muitos, e lhes darem nas costas, não se puderam tornar outra vez a suas terras: por onde lhes foi forçado entrar pela terra dentro muitas léguas.

E pelo trabalho e má vida que neste caminho passaram, morreram muitos deles, e os que escaparam foram dar em uma terra, onde havia algumas povoações mui grandes, e de muitos vizinhos, os quais possuíam tanta riqueza que afirmaram haver ruas mui compridas entre eles, nas quais se não fazia outra cousa senão lavar peças d'ouro e pedrarias.

Aqui se detiveram alguns dias com estes moradores: os quais vendo-lhes algumas ferramentas que eles levavam consigo perguntaram-lhes de quem as haviam, ou porque meios lhes vinham ter as mãos.

Responderam-lhes que uma certa gente habitava ao longo da costa da banda do Oriente, que tinha barba e outro parecer diferente, de que as alcançavam, que são os Portugueses.

Os mesmos sinais lhes deram estes outros dos Castelhanos do Peru, dizendo-lhes que também da outra banda tinham notícia haver gente semelhante, então lhes deram certas rodelas todas chapadas d'ouro, e esmaltadas de esmeraldas, e lhes pediram que as levassem, para que se acaso fossem ter com eles a suas terras lhes dissessem que se a troco daquelas peças e outras semelhantes lhes queriam levar ferramentas, e ter comunicação com eles, o fizessem que estavam prestes para os receber com muito boa vontade.

Depois disto partiram-se daí e foram dar em o Rio das Amazonas onde se embarcaram em algumas canoas que

fizeram, e a cabo de terem navegado por ele acima dois anos, chegaram a Província do Quito, terra do Peru, povoada de Castelhanos. Os quais vendo esta nova gente espantaram-se muito, e não sabiam determinar donde eram, nem a que vinham. Mas logo foram conhecidos por gente da Província Santa Cruz de alguns Portugueses que então na mesma terra se acharam.

E perguntado por eles a causa de sua vinda contaram-lhes o caso miudamente fazendo-os sabedores de tudo o que lhes havia sucedido. E isto veio-nos a notícia, e assim por via dos Castelhanos do Peru, onde estas rodelas foram vendidas por grande preço, como pela dos mesmos Portugueses que lá estavam quando isto aconteceu, com os quais falaram alguns homens deste Reino, pessoas de autoridade e dignas de crédito, que testificam ouvirem-lhes afirmar tudo isto por extenso da maneira que digo.

E sabe-se de certo que está toda esta riqueza nas terras da Conquista de El Rei de Portugal, e mais perto sem comparação das povoações dos Portugueses, que dos Castelhanos.

Isto se mostra claramente no pouco tempo que puseram estes índios em chegar a ela, e no muito que despenderam em passarem daí ao Peru, que foram dois anos, como já disse. Além da certeza que por esta via temos, há outros muitos índios na terra que também afirmam haver no sertão muito ouro, os quais posto que são gente de pouca fé e verdade, deve-se dar-lhes crédito

nesta parte, porque acerca disto os mais deles são contestes, e falam em diversas partes por uma boca.

Principalmente é pública fama entre eles que há uma lagoa mui grande no interior da terra donde procede o Rio de São Francisco, de que já tratei, dentro da qual dizem haver algumas ilhas e nelas edificadas muitas povoações, e outras ao redor dela mui grandes onde também há muito ouro, e mais quantidade, segundo se afirma, que em nenhuma outra parte desta Província.

Também pela terra adentro não muito longe do Rio da Prata descobriram os Castelhanos uma mina de metal da qual se tem levado ao Peru e de cada quintal dele dizem que se tirou quinhentos e setenta cruzados e de ouro trezentos e tantos: o de mais que dela se tira é cobre infinito.

Também descobriram outras minas de umas certas pedras brancas e verdes, e de outras cores diversas, as quais são todas de cinco seis quinas cada uma a maneira de diamantes, e também lavradas da natureza, como se por indústria humana o foram.

Estas pedras nascem em um vaso como Coquo, o qual é todo oco com mais de quatrocentas pedras ao redor, todas inseridas na pedreira com as pontas para fora.

Alguns destes vasos de pedra se acham ainda imperfeitos porque dizem que quando são de vez, que por si arrebentam com tanto estrondo, como se

disparasse um exército de arcabuzes: e assim acharam muitas, que com a fúria, segundo dizem, se metem pela terra um e dois estádios.

Do preço delas não trato aqui, porque ao presente o não pude saber, mas sei que assim destas como doutras há nesta Província muitas e mui finas, e muitos metais, donde se pode conseguir infinita riqueza.

A qual permitirá Deus que ainda em nossos dias se descubra toda, para que com ela se aumente muito a Coroa destes Reinos: aos quais desta maneira esperamos, mediante o favor divino, ver muito cedo postos em feliz e próspero estado, que mais se não possa desejar.